



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

INÉZIA BELIZÁRIO DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DE LÍNGUA
TERENA NA ALDEIA CACHOEIRINHA, MIRANDA-MS**

Campo Grande/MS
2024

INÉZIA BELIZÁRIO DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DE LÍNGUA
TERENA NA ALDEIA CACHOEIRINHA, MIRANDA-MS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Língua, Discurso e Sociedade.

Orientador: Antônio Carlos Santana de Souza

Campo Grande/MS
2024

C872c Belizário, Inézia da Silva.

Variação Linguística: Um Estudo Sociolinguístico de Língua Terena na Aldeia Cachoeirinha, Miranda-MS – Campo Grande, MS: UEMS, 2024.

102f.; 30cm

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Carlos Santana de Souza

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande.

1. Variação Linguística – 2. Língua Terena. 3. Estudo Sociolinguístico. 4. Aldeia Cachoeirinha. Souza, Antonio Carlos Santana. I. Título

CDD - 340.1

INÉZIA BELIZÁRIO DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DE LÍNGUA
TERENA NA ALDEIA CACHOEIRINHA, MIRANDA-MS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Titular)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues (Titular)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Prof. Dr. Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho - Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 15 de abril de 2024.

Dedico este trabalho a minha família e ao meu povo Terena da Aldeia Cachoeirinha
Mbókoti onde foi feito essa pesquisa.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus (Ituko'oviti), por ter me proporcionado chegar até aqui e estar encerrando mais uma etapa da minha vida.

Obrigada, meu Deus, por iluminar o meu caminho durante a realização desta pesquisa.

A fé que tenho no senhor foi combustível para minha disciplina, persistência e força.

Agradeço todas as bênçãos que recaíram, não só sobre mim, mas também sobre todos aqueles que amo, que torceram pela minha conquista.

Aos meus pais, Agueda Antonio & Horto Belizário, meus irmãos Maria, Elionço, Celinho, Ortega, Lenin, Elizete e Atanásia, pelo amor e apoio.

A minha amada e única filha Thaís, que sempre me apoiou, me deu suporte técnica, a minha amada neta Luísa Uké Marakaya e meu amado genro Luís Daniel, agradeço pelo carinho.

Agradeço o Júnior Romero por todo apoio técnico nesta minha jornada e a Stephanie Vitória pela contribuição na entrevista da minha pesquisa.

Agradeço também ao meu esposo, Paulo Sérgio que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, apoiando nos momentos de dificuldades e compreendeu a minha ausência.

Agradeço a todos os professores, especialmente ao meu orientador Dr. Antônio Carlos Santana de Souza. Estou realizando meu grande sonho de estar acompanhando o meu trabalho de conclusão dessa pesquisa, sendo o meu orientador, pois sempre tive grande respeito, carinho e admiração por ser um dos profissionais qualificados na área de estudos linguísticos.

Agradeço imensamente ao professor Dr. Nataniel dos Santos Gomes e professor Dr. Marlon Leal Rodrigues que acompanharam a minha trajetória acadêmica até hoje, obrigada, por exigir de mim muito mais do que eu imaginava ser capaz de fazer, desde a minha primeira graduação contribuiu na minha vida acadêmica.

Manifesto aqui minha gratidão eterna por compartilhar sua sabedoria, o seu tempo e sua experiência.

Sou grata a esta universidade pública que ao longo da minha formação ofereceu um ambiente de estudo agradável, motivador e repleto de oportunidades.

Gratidão ao meu povo da Aldeia Cachoeirinha Mbókoti por abraçar essa causa junto comigo.

Pois a língua está em constantes mudanças com alterações, aquisições e perdas. Mas a acentuada diminuição de falantes da língua Terena que nos preocupa, pois assistimos a cada dia, menos pessoas usando sua língua materna em detrimento do uso de língua portuguesa (BELIZÁRIO LUCENA, T).

BELIZÁRIO, Inézia. *Variação linguística: um estudo sociolinguístico de Língua Terena na Aldeia Cachoeirinha, Miranda-MS*. 2024. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024.

RESUMO

O presente trabalho irá analisar sobre questões de variação linguística na língua Terena entre os falantes da língua materna do povo nativo da Aldeia Cachoeirinha (Mbókoti), localizada em Miranda-MS, abordaremos como ocorrem as variações que na maioria das vezes constatamos o uso de empréstimo da língua portuguesa nas falas dos Terena, a nova geração já não fala esse idioma como se falava antigamente, o que se nota é a perda de identidade deste povo, pois ao longo do tempo a língua vem enfraquecendo, sendo sufocada pela língua dominante, causando preocupação para os estudiosos linguistas ou da própria comunidade. O Estado de Mato Grosso do Sul, apresenta diversidade cultural e linguística, sendo a segunda maior população indígena, distribuídas em 8 etnias, sendo: Atikum, Guarani, Guató, Kaiowá, Kadiwéu, Kinikinau, Ofaié e Terena. As etnias, Guató e Ofaié já não usam a língua materna com frequência, sendo são quase extintas, possuindo apenas alguns falantes. Nas últimas décadas, uma quantidade significativa de línguas indígenas estão sendo extintas ou ficando próxima à extinção. A expectativa para os próximos anos, nas previsões, é a morte de algumas línguas, assim percebe-se no meio do povo Terena, nota-se que a grande maioria dos jovens já não falam mais, causando uma grande preocupação, os falantes vêm diminuindo cada vez mais, grande parte desta população não mantém o uso da língua tradicional. Refletindo sobre essa situação, em um primeiro momento, iremos investigar, através da análise das palavras que o ancião usa e o vocabulário que um jovem usa no seu dia a dia. Para discutir esse assunto buscaremos ponto de apoio com os linguistas, como: Aryon, Camacho, Faraco, Fiorin, Labov, entre outros autores.

Palavras-chave: Aldeia Cachoeirinha (Mbókoti); Língua Terena; Variação linguística.

BELIZÁRIO, Inézia. *Variación lingüística: un estudio sociolingüístico de lengua Terena en la Aldea de Cachoeirinha, Miranda-MS*. 2024. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024.

RESUMEN

El presente trabajo analizará acerca de cuestiones de variación lingüística en la lengua Terena entre hablantes de la lengua materna del pueblo nativo de Aldeia Cachoeirinha (Mbókoti), ubicada en Miranda-MS, abordaremos cómo ocurren las variaciones y vemos con mayor frecuencia el préstamo de la lengua portuguesa en los discursos de la Terena, la nueva generación ya no habla esta lengua como se hablaba en el pasado, lo que se nota es la pérdida de identidad de estas personas, ya que con el tiempo la lengua se ha ido debilitando, siendo asfixiada por la lengua dominante, generando preocupación en los estudiosos de la lingüística o en la comunidad. sí mismo. El Estado de Mato Grosso do Sul posee diversidad cultural y lingüística, siendo la segunda mayor población indígena, distribuida entre 8 etnias, a saber: Atikum, Guaraní, Guató, Kaiowá, Kadiwéu, Kinikinau, Ofaié y Terena. Algunas de estas etnias, guató y ofaié, están casi extintas y sólo cuentan con unos pocos hablantes. En las últimas décadas, un número importante de lenguas indígenas se han extinguido o al borde de la extinción. La expectativa para los próximos años, en las previsiones, es la muerte de algunas lenguas, como se puede comprobar entre el pueblo Terena, se observa que la gran mayoría de los jóvenes ya no la hablan, generando gran preocupación, el número de hablantes ha ido disminuyendo. Cada vez más, gran parte de esta población no mantiene el uso de la lengua tradicional. Reflexionando sobre esta situación, en un primer momento indagaremos, a través del análisis de las palabras que utilizan las personas mayores y el vocabulario que utiliza un joven en su vida diaria. Para discutir este tema buscaremos el apoyo de lingüistas como: Rodrigues, Camacho, Faraco, Fiorin, Labov, entre otros autores.

Palabras-clave: Aldeia Cachoeirinha (Mbókoti); Lengua Terena; Variación lingüística.

LISTA DE QUADROS

Quadro I: Comunidade do povo Terena do MS.....	22
Quadro II: Comunidade do povo Terena do MT.....	25
Quadro III: Comunidade do povo Terena do SP.....	25
Quadro IV: Lista de palavras Terena e suas variações.....	43
Quadro V: Demonstração de metaplasmos da língua Terena na Aldeia Cachoeirinha	78
Quadro VI: Palavras aportuguesada e palavras aterenadas.....	80
Quadro VII: Variação língua Terena Aldeias Cachoeirinha e Taunay.....	87

LISTA DE FIGURAS

Figura I: Aldeia Mbókoti (Cachoeirinha).....	13
Figura II: Cidade de Miranda-MS.....	13
Figura III: A localização do povo Terena.....	20
Figura IV: História do povo Terena.....	27
Figura V: Os Aruak no Brasil.....	29
Figura VI: A ocupação de Mato Grosso.....	30
Figura VII: Imagem de Satélite da localização da Aldeia Cachoeirinha (Mbokoti).....	33
Figura VIII: Primeiro estudo da grafia Terena.....	38
Figura IX: Elizabeth. Muriel Ekdahl.....	39
Figura X: Etnias Indígenas existentes no período da invasão.....	65
Figura XI: A chegada dos portugueses no território brasileiro.....	66
Figura XII: Mapa dos Povos Indígenas.....	69
Figura XIII: População indígena no Brasil.....	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPITULO 1: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	19
1.1 O povo Terena: Contexto da pesquisa.....	19
1.2 Localização das Terras Indígenas Terena.....	22
1.3 O povo Terena um breve histórico.....	26
1.4 O Estado Linguístico da língua Terena e seus Falantes.....	33
CAPITULO 2: ESTADO DA ARTE	43
2.1 Situação Linguística na Aldeia Cachoeirinha Miranda MS.....	43
2.2 Variação, mudança e transformação da língua	69
2.3 Variação da língua Terena e influência da Língua Portuguesa.....	75
2.4 Os Terena da Aldeia Cachoeirinha (Miranda MS), e as mudanças linguísticas.....	77
CAPITULO 3: ANALISE DOS DADOS	79
3.1Variação da língua Terena da aldeia Cachoeirinha e o empréstimo da língua portuguesa no vocabulário do povo Terena.....	79
3.2 A Mistura de Línguas (Terena e Português)	80
3.3 Variação da língua Terena entre aldeia Cachoeirinha (Miranda MS) e aldeia de Taunay (Aquidauana MS), mesmo povo com variações diferentes.....	87
3.4 Alfabetização da língua Materna nas Séries Iniciais Através do “Alfabetiza MS Indígena”.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	98

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo, investigar sobre questões de variação linguística, procuraremos entender o processo de mudança linguística, da situação de uso de língua materna, será investigado o modo como os indígenas Terena mantêm e transmitem a língua mãe, como a comunidade falante reflete sobre a questão do uso da língua materna.

O estudo foi realizado na aldeia Cachoeirinha localizada a 18km no município de Miranda-MS, a 218km de Campo Grande-MS, capital do MS, local onde localiza-se o Campus da UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), onde foi inserido esse ramo de investigação sobre a variação linguística que envolve o povo Terena.

Abaixo, podemos observar logo na primeira imagem a Aldeia Mbókoti (Cachoeirinha) e ao lado, o centro da cidade de Miranda-MS.

Figura I: Aldeia Mbókoti (Cachoeirinha)



Figura II: Cidade de Miranda



Fontes: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100069231657230&mibextid=b06tZ0>

<https://www.facebook.com/mirandamspantanalsul/photos/a.703766426408852/2658937400891735/>

Anteriormente considerado berço da língua materna a algum tempo atrás, atualmente vem perdendo o seu espaço, sendo dominado pela língua portuguesa.

Foram realizadas investigações entrevistando moradores como um ancião de mais ou menos 70 anos de idade, uma jovem de 18 anos, buscando entender qual o motivo a comunidade falante levou a abandonar a sua língua de origem.

Serão elencadas as variações linguísticas da Língua Terena em sua gramática pura e as variações atuais no cotidiano, onde constatam na maioria das vezes e nota-se o uso de empréstimo da Língua Portuguesa nas falas dos Terena.

Neste contexto foi feito levantamento das palavras que não se usa nas palavras Terena na atualidade o que os anciãos denominam de “Gramática Terena” e também foram elencadas palavras aportuguesadas nas falas do povo Terena, tais variações ocorrem entre os falantes dessa comunidade.

Essas observações são nítidas principalmente na nova geração que já não fala esse idioma como antigamente. Nota-se ainda, que pode gerar a perda de identidade deste povo, pois ao longo do tempo a língua vem perdendo seu espaço, sendo sufocada pela língua dominante que é a língua portuguesa, e isso vem causando preocupação para os estudiosos linguistas como também da própria comunidade da Aldeia Cachoeirinha (Mbókoti).

O Estado de Mato Grosso do Sul, apresenta diversidade cultural e linguística, principalmente por se tratar da segunda maior população indígena, aproximadamente 75 mil indígenas distribuídas em 8 etnias, sendo: Atikum, Guarani Ñandeva, Guarani Kaiowá, Guató, Kadiwéu, kinikinau, Ofaié e Terena.

Algumas destas etnias como Guató e Ofaié, a língua já são quase extintas, possuindo apenas alguns números de falantes. Nas últimas décadas, uma quantidade significativa de línguas indígenas está sendo extintas ou ficando próximas à extinção, caso este que vem preocupando a comunidade local e os estudiosos dessa área. A expectativa para os próximos anos nas previsões mais pessimistas dos estudiosos, é a morte de algumas línguas.

Assim, percebe-se no meio do povo Terena, jovens adotando a língua portuguesa ou fazendo o seu uso através do empréstimo linguístico da língua portuguesa, fazendo com que para o não falante acabam interpretando o seu vocabulário através de muito empréstimo linguístico incorporado na sua fala, fenômeno este que leva a perda da parte da sua identidade.

Um fato que chama a atenção, a língua materna está perdendo o seu espaço entre os seus falantes, nota-se que a grande maioria dos jovens já não falam mais, causando grande preocupação, pois os falantes vêm diminuindo cada vez mais, e grande parte desta população não mantém o uso da língua tradicional.

Na nossa análise, percebe-se, que somente os mais idosos ainda preservam o uso da língua materna. Desta forma, a Língua Terena falada em Mato Grosso do Sul, sendo a segunda mais populosas existentes no nosso Estado, está entre as línguas indígenas que se encontram em processo de extinção, sendo abatida pelos seus próprios falantes, o uso dessa língua vem diminuindo drasticamente, tratando-se de glotocídio linguístico, caso este, que ocorre na Aldeia Cachoeirinha onde foi feito essa pesquisa, observa-se que algumas palavras vem desaparecendo sem que os próprios falantes se tenham apercebido o processo dessa extinção, gradativamente nota-se que isso ao longo dos anos.

Porém, esse idioma poderá ser extinto no próximo século. Isso causa uma ameaça ao povo Terena, causando uma perda irreparável em sua identidade se não forem tomadas medidas de preservação dessa língua. Diante disso, é importante ressaltar o papel importante dos professores indígenas capacitados juntos com a política pública trabalhar a alfabetização na língua materna e a comunidade também fazer o seu uso no cotidiano, sendo assim automaticamente fará a manutenção da língua materna dentro da comunidade indígena, o estado das línguas indígenas reflete a situação dos povos indígenas desde ao período colonial criminalizando a língua nativa, podemos afirmar que muitas partes do mundo, elas estão na iminência de extinção por ser considerada língua de minoria o que contribui para o seu eventual desaparecimento entre seus falantes, problemas este que o povo Terena enfrentam na atualidade. De acordo coma pesquisa realizada por Rodrigues;

A situação das línguas indígenas brasileiras é extremamente grave, seja do ponto de vista da perda do conhecimento linguístico e cultural que o desaparecimento de qualquer língua implica, seja do ponto de vista da desintegração social e espiritual de cada um dos povos que, com a perda da língua sob a pressão externa têm destruídos seus valores tradicionais sem tempo o para a incorporação ou o desenvolvimento de novos valores, o que os leva ao empobrecimento e a marginalização social. Para atalhar o curso das perdas ocorridas neste meio milênio de confronto entre indígenas e alienígenas nesta parte do mundo. Fazem-se necessárias ações enérgicas e urgentes, tanto de política social quanto a política científica, para assegurar o equilíbrio mínimo imprescindível para a sobrevivência sadia das minorias em convívio com a sociedade majoritária e para salvar, para os próprios indígenas e para a ciência humana, o conhecimento das duzentas línguas que ainda sobrevivem e

cuja preservação é irrecusavelmente a obrigação de todos nós, das línguas e a gravidade da situação a que foram levadas as minorias linguísticas indígenas. (Rodrigues 1993: 100-101).

Após a chegada dos europeus ao nosso território e com a imposição do ensino de língua portuguesa, ocorrido neste período iniciou-se a perda linguística entre os povos nativos, caso este que perdura até no tempo atual entre os povos nativos.

Podemos citar a Aldeia Buriti (Sidrolândia-MS) e Aldeia Campão (Miranda, próximo a Aldeia Cachoeirinha), aldeias onde residem o povo Terena, grande parte da população já não falam a Língua Terena, isso reflete a perda linguística que faz parte da identidade de um povo.

Esse fenômeno está causando uma preocupação para os falantes dessa língua, crescendo cada vez mais o uso de língua de prestígio, há grande chance de desaparecer pelas futuras gerações, ficando apenas na história

Desde a mais de quinhentos anos, o apagamento de línguas indígenas vem ocorrendo. Segundo Aryan Rodrigues (2002), naturalmente, os maiores números das línguas desapareceram nas áreas que foram colonizadas e alguns desses povos perderam sua língua em função do português. Hoje, restam aproximadamente 170 línguas indígenas, ficando assim de fácil percepção a perda linguística entre a população nativa.

Porém ao longo do tempo, os falantes Terena, vem sofrendo pressão da língua nossa dominante, fato este que leva o risco da perda linguística para as línguas de minorias.

Os falantes dessa língua infelizmente entendem que a língua portuguesa (EMO'Ú PURUTUYE) por ser uma língua de prestígio, por esse motivo acabam não falando a sua língua materna, e é essa língua vem sofrendo mudanças, sendo sufocada pela língua dominante que é a língua portuguesa. Portanto isso vem ocorrendo desde a época da Colonização no Brasil pelos portugueses.

É importante ressaltar que os povos Terena de uma maneira geral, vem vivenciando um processo de contato com os não indígenas (PURUTUYE), o que tem colaborado o uso de segunda língua e fragilizando o uso de sua língua materna, processo esse que pode levar o povo a ser monolíngue, esse fenômeno está causando uma preocupação para os falantes da língua materna.

Sabemos que antes da invasão do Brasil, os indígenas já eram habitantes dessa terra. E o diálogo entre eles sempre foi na língua materna de sua etnia, onde essa cultura

passava de geração a geração. Com a chegada dos Jesuítas em meio aos indígenas houve um grande impacto na mudança de cultura, onde muitos indígenas começaram a conviver com uma outra cultura dos não indígenas: como a língua para a comunicação.

Assim os indígenas começaram a perder uma parte de sua cultura, como a sua própria língua materna. Na época de colonização a convivência com o não indígena fez com que os indígenas deixassem a sua própria cultura e aprendessem com os não indígenas uma nova cultura, herança que até hoje predomina com os nativos.

Essa realidade prevalece até os dias atuais, pois muitas etnias, principalmente os mais jovens deixaram de falar a sua própria língua materna, o que faz a identidade dos nativos.

Após o domínio dos europeus neste território, muitos povos nativos foram escravizados sendo forçado a trabalhar, o autor mencionado, mais uma vez nos esclarece;

O desaparecimento dos povos que as falavam, em consequência das campanhas de extermínios ou de caça de escravos, movida pelos europeus e por seus descendentes e propostos, ou em virtude das epidemias de doenças contagiosas do Velho Mundo, deflagradas involuntariamente (em alguns casos voluntariamente) no seio de muitos indígenas; pela redução progressiva de seus territórios de coleta, caça e plantio e, portanto, de seus meios de subsistência, ou pela assimilação, forçada ou induzida aos usos e costumes dos colonizadores. (Rodrigues, 2002, p 18-19).

Houve grande extermínio dos nativos e genocídio com os povos indígenas, ocorreu grande perda cultural, essa realidade prevalece até os dias atuais, pois muitas etnias, principalmente os mais jovens deixaram de falar a sua própria língua materna, deixam a sua cultura' o que faz a identidade dos nativos.

Portanto nesta pesquisa, foi feita uma pesquisa local, como a comunidade tem se preocupado nesta questão da perda de identidade cultural, o que a comunidade tem se posicionado para a manutenção dessa língua, enquanto falantes da comunidade o que estão buscando como a forma de tentar solucionar este caso, em que meio estão buscando, se estão incentivando o uso da língua materna.

Para a realização da minha pesquisa sobre a variação da língua Terena na Aldeia Cachoeirinha, usei leituras de livros de alguns estudiosos linguistas como: José Lemos Monteiro para compreender Labov, Aryon Dall'igna Rodrigues, Roberto Gomes Camacho, entre outros citados abaixo.

O trabalho pesquisado enfoca o tema sobre variação linguística na língua Terena, por meio da pesquisa, constatamos que a grande maioria dos jovens já não fala a língua materna como antigamente, o que revela a perda de identidade e causa uma preocupação para os linguistas e principalmente para os anciões e para a comunidade em geral.

Através desta pesquisa, procuramos entender o porquê tais fatos acontece no meio do povo Terena, o que de fato leva a deixarem de falar a língua materna. Consultamos grandes pesquisadores teóricos na área de variação linguística, para podermos compreender o que de fato levaram a esse processo de variação linguística no seio da comunidade pesquisada, no entanto, traremos o apontamento para tentar solucionar para que a língua materna permaneça viva.

CAPÍTULO I

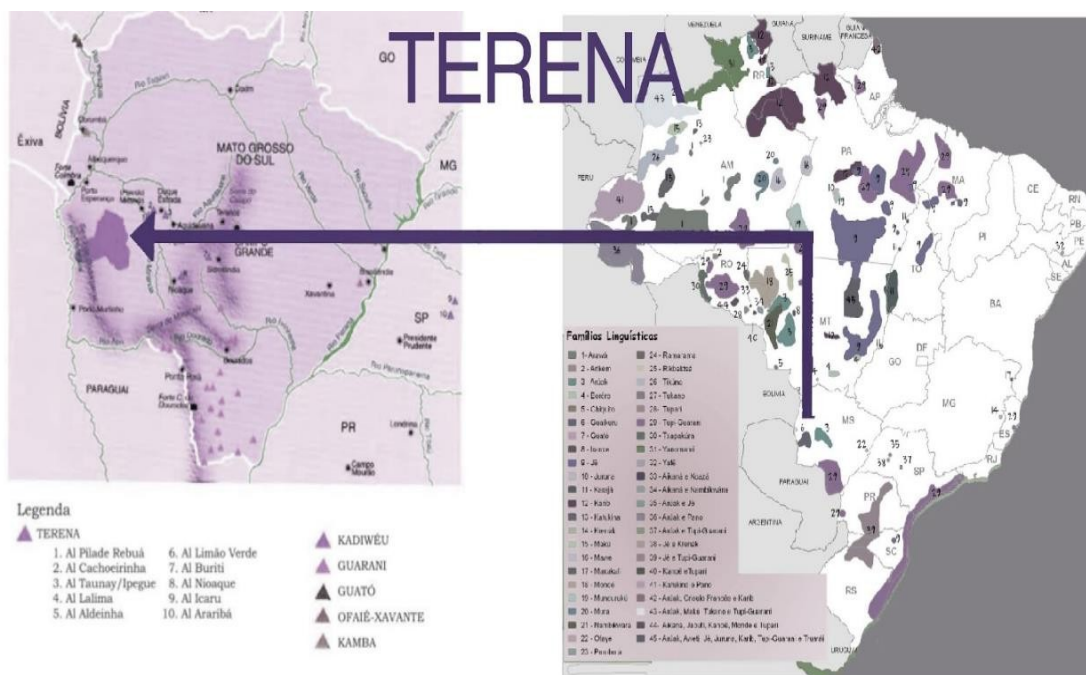
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O trabalho baseou-se em conceitos teóricos do campo da sociolinguística para entender como se dá a relação entre língua materna e a língua dominante, e como está a última influência com os nativos dessa comunidade pesquisada, na escolha dos falantes perante a uma língua que tem o seu domínio no seio da população numerosa, dominante, aqueles que são grupos de maior prestígio social e que possuem um poder econômico melhor, o denominado “Purutuye” para os falantes da língua Terena. Para entendermos melhor esta situação linguística em torno da comunidade, investigaremos a interferência na língua falada do povo Terena diante de uma língua tão forte como é o caso da língua portuguesa.

1.1 O POVO TERENA: CONTEXTO DA PESQUISA

Distribuídas por sete municípios sul-mato-grossenses: Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo. Também há famílias Terena vivendo em Porto Murtinho (na Terra Indígena Kadiweu), Dourados (Terra Indígena Guarani) e no Estado de São Paulo (Terra Indígena Araribá), como também ao longo dos anos encontram-se Terena residindo no Estado de Mato Grosso. Mencionaremos os locais onde os povos Terena localizam, faremos mapeamento desses locais atuais.

Figura III: A localização do povo Terena



Fonte: <https://indigenasbrasil.com/2019/06/terena.html>

O Terena é uma língua indígena do Brasil falada por cerca de 15 000 indivíduos. É considerada uma língua aruaque, pertencente ao subgrupo Guaná, são alfabetizados em língua portuguesa. É falado principalmente no estado do Mato Grosso do Sul, especialmente nos municípios de Aquidauana, Miranda, Nioaque, Sidrolândia, Anastácio; também se encontram falantes do Terena em Porto Murtinho, na terra indígena dos Kadiwéu, em Dourados, na terra indígena guarani-Kaiowá, Ndeva, e em São Paulo, no Posto Araribá, Aldeia Icatu, estes são os locais onde os povos Terena se encontra.

Em relação a variação linguística, houveram mudanças ao longo dos anos pelos nossos antepassados, comparando com a geração atual o uso da língua materna vem sendo poucos usados no cotidiano, a família vem optando por usar a língua portuguesa como sua primeira língua, a justificativa da comunidade falante é devido a preconceito linguístico com a sociedade não indígena.

Percebemos através da investigação que a Língua Terena passa por pressão, sendo sufocada pela Língua Portuguesa. O uso da língua Terena como meio de comunicação vem sendo esquecida pelos falantes e este grande linguista apresenta a seguinte análise;

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões

sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (Bagno *et al*, 2008 p.21).

Já se notava isto anteriormente em outras comunidades Terena, como na região de Aquidauana e Sidrolândia a utilização da Língua Terena é pouco, atualmente percebe-se isto também na comunidade da Aldeia Cachoeirinha que era considerada referência no uso da língua materna. Atualmente passa pela mesma situação das outras comunidades da mesma etnia.

Sendo assim, foi escolhida para fazer essa pesquisa, como está a situação dos falantes Terena, serão verificadas através das entrevistas com o ancião o que de fato afetou a questão da variação e empréstimo da língua portuguesa nas falas do povo Terena, pois percebe-se como passar do tempo a nova geração está deixando de praticar essa língua. Isto é um alerta para a comunidade indígena da Aldeia Cachoeirinha, onde foi feito essa pesquisa para esclarecer tais variações.

Em pleno século XXI, somente os idosos ainda preservam o uso da Língua Terena, onde foi feito essa pesquisa, nota-se que apenas as crianças entre 1 a 5 anos falam a língua portuguesa, o abandono gradual talvez irreversível do uso da língua tradicional entre os povos Terena, a ameaça da perda da Língua Terena, a presença do uso da Língua Portuguesa está cada vez mais precoce entre os jovens falantes.

As mudanças ocorridas na língua materna ao longo da história é quase metade da população desta comunidade, isso nos mostra que está em altíssima situação de risco, podem sumir em 30 ou 50 anos. Pois a língua permanece viva quando ela é mantida e preservada ao fazendo o seu uso.

Portanto, apresentaremos a seguir alguns apontamentos sobre a variação da língua Terena e apontaremos as questões dos empréstimos que isso se torna nítido nas falas do povo Terena.

Nota-se também que é necessário reforçar a importância do uso da língua materna no cotidiano do povo Terena, pois ela é uma língua importante quanto à língua portuguesa, isto também se verifica a importância e as contribuições de cada família no uso da língua materna.

Abaixo mencionaremos os locais onde vivem os povos Terena atualmente, apontaremos quais são os municípios, e é grande parte da comunidade já não usam a língua mencionada, fato este que chama muita atenção para levantar essa investigação.

1.2 LOCALIZAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS TERENA

Quadro I: Comunidade do povo Terena do MS.

Comunidades indígenas Terena do Mato Grosso do Sul	
Localidades das Aldeias Terena	Município
Água Limpa	Rochedo
Cachoeirinha (Mbókoti), local da nossa pesquisa.	Miranda
Argola (Âkulia)	Miranda
Babaçu (Pú'iti Exáte)	Miranda
Campão (Kapaú)	Miranda
Morrinho (Kali Mopô'i)	Miranda
Mãe Terra	Miranda
Lagoinha	Miranda
Lalima	Miranda
Moreira	Miranda
Passarinho	Miranda
Aldeinha	Anastácio
Limão Verde	Aquidauana
Água Branca	Aquidauana
Bananal	Aquidauana
Imbirussu	Aquidauana

Lagoinha	Aquidauana
Morrinho	Aquidauana
Jaraguá	Aquidauana
Ipegue	Aquidauana
Colônia Nova	Aquidauana
Cruzeiro	Aquidauana
Tico Lipu	Aquidauana
Nova Esperança	Aquidauana
Marçal de Souza	Campo Grande
Água Bonita	Campo Grande
Tarsila do Amaral	Campo Grande
Paravá	Campo Grande
Inamati Kaxé	Campo Grande
Comunidade Indígena Jardim Inápolis	Campo Grande
Comunidade Indígena Indubrasil	Campo Grande
Comunidade Indígena Jardim Aeroporto	Campo Grande
Comunidade Indígena Guanandi	Campo Grande
Úpenoti Uné	Campo Grande
Estrela da Manhã	Campo Grande
Canaã	Campo Grande
Tereré	Sidrolândia

Nova Tereré	Sidrolândia
Nascente	Sidrolândia
Buriti	Dois Irmãos do Buriti
Recanto	Dois Irmãos do Buriti
Olho D'Água	Dois Irmãos do Buriti
Córrego do Meio	Dois Irmãos do Buriti
Água Azul	Dois Irmãos do Buriti
Taboquinha	Nioaque
Brejão	Nioaque
Cabeceira	Nioaque
Água Branca	Nioaque
Tomázia	Porto Murtinho
São João	Porto Murtinho
Alves de Barros	Porto Murtinho
Jaguapiru (Há Indígenas Terena)	Dourados
Bororó (Há Indígenas Terena)	Dourados
Aldeia Bálsamo	Rochedo

Diante da pesquisa que foi realizada, também foi localizada T.I no Estado de Mato Grosso, encontra-se poucos falantes da Língua Terena também.

Quadro II: Comunidade do povo Terena do MT.

Comunidades Indígenas Terena do Mato Grosso	
Localidades das Aldeias Terena	Município de Mato Grosso
Comunidade Kopenoti Terena	há 200km de Matupá- MT
Iriri Novo	há 200km de Matupá- MT
Kuxoti Poke'e	há 200km de Matupá- MT
Turi Puku	há 200km de Matupá- MT

Fonte: autoria própria.

Conforme o quadro abaixo, mencionaremos também os locais onde se encontram a comunidade do povo Terena no Estado de São Paulo - SP, números pouquíssimos de falantes, restando apenas os mais velhos ainda pratica o uso da língua materna, talvez por terem contato que outras etnias os mais jovens também não fazem o uso da língua materna.

Quadro III: Comunidade do povo Terena do SP.

Comunidade Indígenas Terena de São Paulo	
Localidades das Aldeias Terena	Município de São Paulo
Araribá	Bauru/ São Paulo
Icatu	Braúna/ São Paulo

Vanuíre	Tupã/ São Paulo
Kopenoti	Avai/ São Paulo
Ekeruá	Avai/ São Paulo

Fonte: autoria própria.

Nos quadros demonstrados acima, nota-se que a população dos povos Terena concentra-se em um número muito maior, no estado de Mato Grosso do Sul e pequenos números na região de Bauru e em Mato Grosso também. Pelo que consta o povo Terena tem uma das maiores populações indígenas do Brasil, esparramado por diversas aldeias e dentro das cidades também, inclusive na capital do nosso Estado.

É a pesquisa onde trataremos sobre a variação linguística é a Aldeia Cachoeirinha Mbókoti localizada a 18km do município de Miranda MS, este local será feito uma investigação sobre a variação da língua materna entre os povos existentes e falantes neste local.

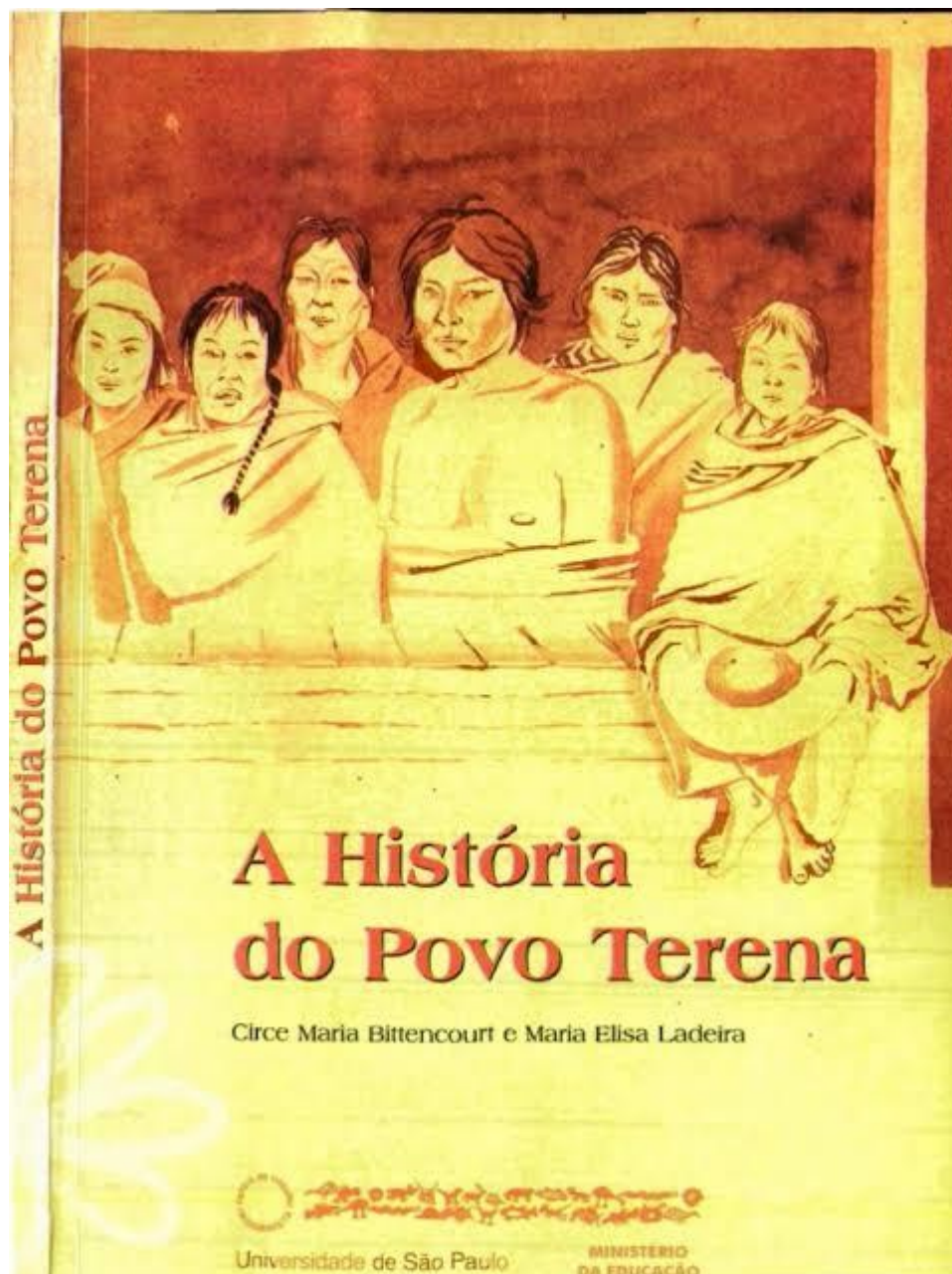
1.3 O povo Terena um breve histórico

Os índios da etnia Terena, pertencente ao subgrupo dos Guaná, cuja língua pertence à família linguística Aruák, viviam no Êxiva, lugar chamado pelos europeus de Chaco Paraguai. Nessa região viviam algumas nações: os Guaná, os Mbaya-Guaicuru e os Guarani.

A nação Guaná e pertencente ao tronco linguístico Aruak, composta pelos povos Layana, Kinikinau, Exoaladi e Etelenoe, Aruk ocupavam a região oeste do país e o extremo norte da Amazônia.

Saber a origem dos povos nativos é muito difícil, assim é o povo Terena, conhecer a história do povo Terena foi necessário muitas fontes de pesquisas e é direcionamos a nossa referência com o livro da História do povo Terena, escrito por autoras Circe Maria Bittencourt, Maria Elisa Ladeira, que baseou a sua pesquisa dentro do território da aldeia Cachoeirinha, onde esse estudo foi dirigido.

Figura IV: História do povo Terena



Fonte: História do povo Terena¹

O grupo linguístico Arawak, Aruak ou Arawaque que significa “*comedor de farinha*”, no Brasil, os povos de língua Aruak distribuem-se principalmente ao longo dos

afluentes as margens do Solimões. A chegada dos portugueses no fim do século XV, maior parte da costa era habitada por povos indígenas.

Os nativos eram falantes de línguas pertencentes ao tronco tupi e os primeiros nativos a ter contato com os portugueses eram: Tupinambá, Tupiniquim, Guarani, entre outras etnias. O interesse maior dos portugueses era sobre o território e possíveis riquezas, exploração da extração do pau-brasil. O aprendizado da língua Tupi também era importante, para poder ter a comunicação entre eles.

Os povos nativos foram vítimas do imaginário ocidental, visão eurocêntrica dos portugueses, foram vistos como selvagens, povos tidos como sem cultura, pronto para serem civilizados.

Os *Arawak* foram uns dos primeiros ameríndios a ter contato com os europeus. Quando Cristóvão Colombo pisou nesta terra, o navio atraiu a atenção dos nativos que ficaram tão maravilhados, foram ao encontro dos portugueses, a nado. Quando Colombo e seus marinheiros desembarcaram, armados com suas espadas e falando uma língua estranha que os portugueses não entendiam, se expressavam somente em sua língua materna, os Aruak foram receptivos, lhes trouxeram comida, água...

Ao avistar os povos nativos, Colombo escreveu em seu diário de bordo:

Eles nos trouxeram papagaios, trouxas de algodão, e muitas outras coisas que trocaram por contas de vidro e guizos. Trocavam de bom coração tudo o que possuíam. Eram bem constituídos, com corpos harmoniosos e feições graciosas. [...] Não usavam armas, que não conheciam, pois quando lhes mostrei uma espada, tomaram-na pela lâmina e se cortaram, por ignorância. Não conheciam o ferro. As lanças são feitas de cana. Dariam bons criados. Com cinquenta homens, poder-se-ia submeter todos eles e fazer deles o que quisesse.

Colombo, ficou tão fascinado por aquelas pessoas tão bondosa, tão caridosa, no seu diário também há outro registro referindo-se a população nativa; “Desde que cheguei às Índias, na primeira ilha que encontrei, peguei alguns indígenas à força para que eles aprendam e possam me dar informações sobre tudo o que poderíamos encontrar nestas regiões.”

Diante deste fato mais uma vez retrata a existência do povo nativo na época da invasão, e umas das numerosas etnias eram os Aruak aqui já existiam desde a época da invasão, distribuíam-se em vários locais como: Jutai (Waraikú), Juruá (Marawa, Kulina),

Purus (Purupurú), Içá (Pasé,Waynumá), Japurá (Kayuixanã, Yumana), Negro-Içana (Manão, Bare,Warekuná, Baniwa), entre outros.

Figura V: Os Aruak no Brasil



Fonte: Bittencourt, Circe Maria; Maria Elisa Ladeira. A história do povo Terena. Brasília: MEC, 2000.

Em geral, os povos indígenas criam seus mitos e lendas a fim de explicar sua origem. O mito que nos conta a respeito de como os Terena foram criados, pode ser contado de diversas formas.

As diferenças entre as versões narradas, estão relacionadas ao momento e à situação vivida pelo povo quando contam essa parte da sua história. Os brancos denominados por (purutuye), também contam a sua história de vários jeitos, dependendo do tempo, das circunstâncias e dos grupos que estavam no poder quando a escreveram. Por isso, a história de muitos personagens brancos (não indígenas) que aparecem nos livros, também tem várias versões, e é assim na história do povo Terena.

Cada povo tem sua própria maneira de contar sobre a criação do mundo e geralmente vemos a contradição da trajetória bíblica quando ela é narrada de uma forma, mas ao mesmo tempo de outra forma. Assim, cada povo tem a sua própria tradição e sobre a visão do mundo. Segundo a tradição dos Terena, os professores da aldeia de Cachoeirinha, em 1995, resumiram assim a criação de seu povo, segundo o relato do ancião do Sr. Felix (in memoriam), que foi coletado uma entrevista por pesquisadoras Circe Maria Bittencourt, Maria Elisa Ladeira (2000), na referida pesquisa diz que criação do povo Terena inicia-se assim:

A criação do povo Terena.

Havia um homem chamado Oreka Yuvakae. Este homem ninguém sabia da sua origem, não tinha pai e nem mãe, era um homem que não era conhecido de ninguém. Ele andava caminhando no mundo. Andando num caminho, ouviu grito de passarinho olhando como que com medo para o chão. Este passarinho era o bem-te-vi. Este homem, por curiosidade, começou chegar perto. Viu um feixe de capim, e embaixo era um buraco e nele havia uma multidão, eram os povos Terena. Estes homens não se comunicavam e ficavam trêmulos. Aí Oreka Yuvakae, segurando em suas mãos tirou eles todos do buraco. Oreka Yuvakae, preocupado, queria comunicar-se com eles e ele não conseguia. Pensando, ele resolveu convocar vários animais para tentar fazer essas pessoas falarem e ele não conseguia. Finalmente ele convidou o sapo para fazer apresentação na sua frente, o sapo teve sucesso pois todos esses povos deram gargalhada, a partir daí eles começaram a se comunicar e falaram para Oreka Yuvakae que estavam com muito frio. (Bittencourt; Ladeira, 2000, p. 23).

Assim foi a história do povo Terena narrada na aldeia Cachoeirinha no depoimento do ancião que foi mencionado acima.

O pesquisador e antropólogo Herbet Baudus, durante a visita que fez na Terra Indígena do Estado de São Paulo em 1947, "(relato oral de Antônio Lulu Ka Liketé. traduzido para o português por Ladislau Hahóoti), transcreveu a seguinte versão. "(Bittencourt; Ladeira, 2000, pág,24)":

Diz que antigamente não havia gente. Bem-te-vi, uítuka, descobriu onde havia gente debaixo do brejo. Bem-te-vi marcou o lugar aos Orekajuuakái que eram dois homens e estes tiraram a gente do buraco antigamente, Orekajuuakái era um só e quando moço a sua mãe ficou brava, pois Orekajuuakái não queria ir junto com ela à roça, foi à roça, tirou foice e cortou com ela Orekajuuakái em dois pedaços. O pedaço da cintura para cima ficou gente, e a outra metade também. Antes de tirar a gente do buraco, Orekajuuakái mandaram tirar fogo, iukú. Pensaram quem uai tirar fogo. Foi o tico-tico, xauokóg. Ele foi e não achou fogo. Depois foi o coelho, kanóu, e tomou o fogo dos seus donos, os Tokeóre. O konóu chegou onde estava os Orekajuuakái e foram fazendo grande fogueira. Gente levantou os braços e Orekajuuakái tirou do buraco. Toda gente era nu e tinha frio e Orekajuuakái chamaram para ficar perto do fogo. Era gente de toda raça. Orekajuuakái sempre pensaram como fazer falar esta gente. Mandaram-na entrar em fileira um atrás do outro. Orekajuuakái chamaram lobinho, okué, pra fazer rir a gente. Lobinho fez macacada, mordeu no próprio rabo, mas não conseguiu fazer rir. Orekajuuakái chamaram sapinho, aquele vermelho, kalaláke. Este andou como sempre anda e a gente começou a dar risada. Sapinho passou ida e volta ao longo da fila três vezes. Aí a gente começou a falar e dar risada. Orekajuuakái ouviram que cada um da gente falou diferente do outro. Aí separaram cada um a um lado. Eram gente de toda raça. Como o mundo era pequeno, Orekojuuokái aumentou o mundo para o pessoal caber. Orekajuuakái deu uns carocinhos de feijão e milho e deu mandioca também e ensinou como se planta. Deu também semente de algodão e ensinou como tecer faixa. Ensinou fazer arco e flecha, ranchinho, roçar e plantar, "(relato oral de Antônio Lulu Kaliketé, traduzido para o português por Ladislau Haháoti) (Bittencourt; Ladeira, 2000, p. 24).

Para os não indígenas (Purutuye), refere-se mito, para os indígenas Terena a visão é considerada real a forma como foi relatado com os anciãos, trata-se de uma simbologia para aqueles que compartilham desse tipo de conhecimento como ocorre nos relatos dos mais velhos.

Com uma população de aproximadamente 8.989 indígenas (SESAI 2022), os povos Terena da Terra Indígena Cachoeirinha vivem a 18 km do município de Miranda-MS. A Terra Indígena da Aldeia Cachoeirinha (Mbokoti), foi criada como Reserva por

volta de 1904, pelo Serviço de Proteção ao Índio – SPI, e delimitada com 3.200 hectares, mas teve demarcados apenas 2.660 hectares. A Terra Indígena Cachoeirinha (SEDE), tem (06) aldeias que se subdividem em setores como: (01) aldeia Argola, (02) aldeia Campão, (03) Babaçu, (04) aldeia Lagoinha, (05) aldeia Morrinho e (06) aldeia Mãe Terra (Retomada).

A seguir, apresentamos uma imagem de satélite do mapa brasileiro, enfatizando o Estado de Mato do Grosso do Sul, posteriormente o município de Miranda onde se localiza a aldeia Cachoeirinha (Mbókoti), onde foi concentrada realização da pesquisa, sobre a variação da Língua Terena ao longo do tempo na fala e na escrita dos moradores indígenas falantes dessa aldeia mencionada.

Figura VII: Imagem de Satélite da localização da Aldeia Cachoeirinha (Mbókoti).



Fonte: Google Maps, 2022

Pertencente à família linguística, os anciões contam que os Terena viviam no Êxiva, região compreendida entre a margem direita do rio Paraguai e a chamada “morraria” de Albuquerque, hoje onde a cidade de Corumbá-MS, se localiza.

1.4 O Estado Linguístico da Língua Terena e seus Falantes

A língua Terena pertence à família Aruaque e é falada por aproximadamente 12.000 pessoas que habitam a região sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, principalmente nos municípios de Aquidauana e Miranda, e uma minoria que mora no Posto Araribá (Estado de São Paulo) e em algumas regiões do MT, como foi feito o

levantamento dos quais os municípios e Estado onde vivem os Terena, especificamos isso acima, os nomes das Terras Indígenas.

Antes da invasão do Brasil, os indígenas já eram habitantes dessa terra. E o diálogo entre eles sempre foi sua língua materna, onde essa cultura passava de geração a geração. Com a chegada dos Jesuítas em meio aos indígenas houve um grande impacto na mudança de cultura, onde muitos indígenas começaram a conviver com outra cultura do não indígenas: como a língua para a comunicação.

A imposição de uma educação escolarizadas para os povos indígenas, iniciou-se por volta de século XV, com a chegada dos europeus nas américas, pois acreditavam que aqueles que aqui já habitavam não possuíam nenhum conhecimento, assim menosprezando a cultura dos nativos desde a época de colonização, um dos fatos mais marcante é a negação da língua tradicional dos povos originários do território brasileiro que ocupavam esse espaço desde antes da chegada dos portugueses.

A língua portuguesa não se tornou uma língua oficial por acaso aqui no nosso país, é grande parte da população desconhecem a própria história. O intuito do colonizador foi pensado e imposto de maneira desumana, levando o desaparecimento de mais de mil línguas indígenas ao longo dos 523 anos, ao massacre de vários povos nativos, causando o glotocídio e o enfraquecimento do uso das línguas maternas entre muita população Indígenas no Brasil, caso este que perdura até no tempo atual entre a população nativa.

Por volta de 1756, o marquês de Pombal implementou a lei do “Diretório dos índios”, que foi uma lei caracterizada por uma série de diretrizes a serem seguidas nas colônias portuguesas, assim, obrigando o ensino da língua portuguesa e proibindo o uso das línguas nativas. Tal política visava integrar os nativos à sociedade não indígena, sem respeitar suas línguas e tradições, iniciando a negação da identidade, discriminação, preconceitos aos nativos.

No entanto, a população indígena já estava aqui, entre diversos povos nativos, isto é, haviam inúmeras línguas, inúmeros etnias, mas, eram julgados como primitivos, selvagens e sem cultura e é foram submetidos a uma educação chamado do não indígenas, com isso, foi perdendo a sua cultura original, de forma etnocêntrica, considerando que necessitavam alfabetizar seguindo os padrões ocidentais e principalmente colocando fim aos costumes e línguas nativas.

Desde ao período colonial os povos indígenas enfrentaram a negação da sua identidade, iniciando a negação na questão educacional para os povos indígenas, neste

contexto histórico, passaria a seguir um modelo de imposição de sistema e valores do mundo ocidental. Segundo a autora Oliveira:

O princípio fundamental, num primeiro momento, era o de imposição do etnocentrismo europeu através da evangelização, seguido pela tentativa de civilização dos selvagens, com objetivo de exterminar culturas e se apropriar da mão-de-obra indígena. Os indígenas deveriam deixar de ser selvagens e passar a entes colonizados. Este processo se daria pela escola, com uma educação para o índio através da alfabetização em línguas colonizadas. Assim, a escola estaria a serviço da dominação colonial, pois através dela se configuraria a imposição das culturas e da língua oficial. Nesse sentido, desempenharia um papel fundamental na negação das identidades culturais. (Oliveira, 2009, p. 39-40).

Assim os indígenas começaram a perder uma parte de sua cultura, como a sua própria língua materna com a imposição do uso da língua portuguesa, a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa, a desvalorização do ensino da língua materna.

Ressaltamos novamente que, antes da Constituição de 1988, era aplicado uma educação indígena baseada na catequese e socialização, imposto por missionários protestantes, como forma de integrá-lo na sociedade brasileira, porque julgava-se que os povos indígenas eram considerados culturalmente inferiores e necessitavam ser assimilados à sociedade envolvente.

De acordo com a pesquisa, a Educação Escolar Indígena nem sempre foi considerada e organizada como se apresenta no tempo atual. É importante salienta que, sua organização foi resultado da aprovação da Constituição Federal de 1988.

Antes da promulgação dessa lei, os indígenas não possuíam os seus direitos reconhecidos e nem a cultura aceita por grande parte da sociedade brasileira, vistos que, a princípio, como invasores territoriais não pertencentes à nação brasileira, como visto, em várias pesquisas científicas, livros didáticos, quando refere-se o termo equivocado “Descobrimento do Brasil”, quando na verdade os povos nativos já existiam aqui nesta Terra o denominado “Pindorama” no período colonial, hoje o nosso “Brasil”, território onde existem inúmeras culturas, inúmeras línguas, inúmeras etnias.

As tradições indígenas tais como: costumes, ritos e os mitos dos povos indígenas eram observados como inadequados para o desenvolvimento da sociedade dominante.

As características mais marcantes se deram através da educação, o contato dos povos indígenas com a Educação Escolar Indígena teve o início a partir da colonização do Brasil, tendo como principal objetivo era catequiza (civilizar) os índios para integrá-

los à sociedade, promovendo a negação da essência desses povos, cultura, línguas, mitos e das suas crenças, entre outros.

De acordo com Artigo 231 dessa Constituição, “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (Brasil, 1988).

O Artigo 210 da Carta Magna destaca ainda que o ensino proposto nas escolas indígenas deverá respeitar a cultura, assegurando a esses povos o ensino através da língua materna.

Após a Constituição Federal de 1988, os direitos indígenas vêm sendo firmados por várias outras legislações, destacando-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, também conhecida como LDBEN ou Lei Darcy Ribeiro; o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998); p.28.

Desde então, intensificou-se em todo o país a realização de "Encontros de Professores Indígenas", ou "Encontros de Educação Indígena", nos quais eram discutidas questões relativas à escola que os índios queriam para suas comunidades. Durante esses inúmeros fóruns, foram produzidos documentos em que as reivindicações e os princípios de uma educação escolar indígena diferenciada estão expressos, de forma diversificada, por região, por povo, por estado. Todos os documentos finais dos encontros de professores indígenas falam desses princípios, criticando, de uma forma ou de outra, o modelo de escola até então existente.

O movimento dos professores indígenas deu sua grande parcela de contribuição na elaboração do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), através de sua articulação, da reivindicação e é fruto de um longo percurso de luta que faz parte do processo histórico de mobilizações sociais e políticas e de reflexão crítica com toda comunidade.

Plano Nacional de Educação (PNE, 2001); Caderno da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) - Educação Escolar Indígena diversidade sociocultural ressignificando a escola, publicada em 2007.

Esses documentos importantíssimos tornaram-se destaques, pois serviram como marco histórico que direcionaram um novo olhar diferenciado à Educação Escolar Indígena. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394, promulgada em 20 de dezembro de 1996, destaca alguns pontos muito importantes em relação à Educação Escolar Indígena.

O Artigo 78º diz:

O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias. (Brasil, 1996).

O fortalecimento da Educação Escolar em terras indígenas, a importância da valorização de um ensino escolar diferenciado ao considerar a tradição e a cultura como ferramentas primordiais para o desenvolvimento social dos povos tradicionais, isto é, o direito a Educação Diferenciada que está amparada na Lei e o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas traz outro documento importante para a Educação Escolar Indígena. Este documento, foi criado em 1998, busca “cumprir a árdua tarefa de apresentar, pela primeira vez no País, ideias básicas e sugestões de trabalho para o conjunto das áreas do conhecimento e para cada ciclo escolar das escolas indígenas inseridas no Ensino Fundamental” (Brasil, 1998).

É importante ressaltar que, a educação indígena no Brasil foi dividida em quatro fases, são elas: primeira situada no período colonial, ficando à cargo de missionários religiosos (Jesuítas); a segunda com a criação do SPI, e em 1910, estendendo-se até à política de ensino da FUNAI e outras missões religiosas, 1968; a terceira ocorreu durante a ditadura militar, marcada por atuações de ONGs indigenistas, assim como os movimentos indígenas, a qual podemos dizer que levou a pressão a qual gerou a quarta fase, iniciada no final dos anos 1980, estendendo até na atualidade.

Destacamos que, somente com a Constituição Federal de 1988, considerado como a quarta fase, conseguiram importantes conquistas referentes aos seus direitos básicos, de organização social, posse da terra, escola diferenciada, principalmente o uso de língua materna no âmbito escolar como por Lei e Decretos que versam sobre a Educação Escolar Indígena, voltada para a manutenção dos saberes tradicionais. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), destaca que:

Com o texto constitucional em vigor, abre-se aos povos indígenas a perspectiva de afirmação e reafirmação de seus valores culturais, línguas, tradições e crenças. O Estado deve não mais garantir a existência (transitória) das populações indígenas, e sim contribuir eficazmente para a reafirmação e valorização de suas culturas e línguas. (RCNEI, p.32).

A essa afirmação, destacamos que as escolas dentro das comunidades indígenas assumem o papel de manter o uso da língua materna, isso está claro no Artigo 210 “assegura às comunidades indígenas, no Ensino Fundamental regular, o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem e garante a prática do ensino bilíngue em suas escolas”.

É tratando-se da Língua Terena na Aldeia Cachoeirinha, Miranda-MS, local onde foi feita essa pesquisa sobre a língua materna, essa língua há algum tempo atrás ainda não era usada na escrita pelos seus falantes.

Em 1975-1977, iniciou o primeiro estudo de grafia da língua Terena com duas linguistas americanas Nancy Evelyn Butler; Elizabeth. Muriel Ekdahl, assim surgiu a primeira escrita da língua Terena entre a população dessa etnia, antes era ágrafa.

Figura VIII: Primeiro estudo da grafia Terena.



Fonte: BUTLER, Nancy

Figura IX: Elizabeth. Muriel Ekdahl

Fonte: BUTLER, Nancy

Anos depois percebe-se que a sua escrita dentro do âmbito escolar está sendo valorizada, embora caminhando lentamente. A língua Terena ela é ministrada dentro da escola indígena por 50 minutos na sala de aula, tempo insuficiente para abordar questão tão relevante ao tratar de uma questão de identidade étnica (originária/ancestral), sabemos que a língua de povo é um dos fatores mais importante da sua cultura.

Hoje, nota-se que tem sido confeccionada algumas cartilhas de alfabetização, já sendo um avanço na preservação da língua materna, fato este que visa atender o que está previsto na Constituição.

Observamos que o grande número dos anciões na aldeia Cachoeirinha ainda mantém o uso da língua tradicional, mas, ao mesmo tempo nota-se que o seu uso é

desigual entre os mais jovens são poucos jovens que a utilizam levando uma imensa preocupação aos estudiosos linguistas e da própria comunidade.

Entretanto, observasse que os jovens fazem o uso de língua portuguesa, conseqüentemente, essa atitude linguística, poderá causar o desaparecimento da língua materna desse povo, isto é nítido ao notarmos o desaparecimento de várias palavras nas falas do povo Terena, nesta análise já miramos uma preocupação com a nova geração, se não houver ações concretas e pontuais mais e mais geração que se perde com a não fala da língua.

Por mais de 523 anos, os povos originários foram violentados, com a forma da negação da sua cultura, seu jeito de viver, mataram inúmeras línguas originárias, foi feito uma imposição de uma língua que os nativos não dominavam.

Desta forma, detectamos que a língua dominante vem sendo usados por nativos, gradualmente a língua nativa vem sendo perdida no Brasil, a cada década uma língua nativa passa por processo da extinção, deixando um vazio irreparável do ponto de vista cultural. Esse fenômeno de apagamento da cultura nativa não é recente. Diversos fatores contribuíram para esse processo no decorrer da história do nosso país, período que ocorreu a invasão do território brasileiro.

Na Era Colonial, houve um intenso trabalho de acabar com as línguas nativas. Em tempos mais atuais não houve muito esforço no sentido de preservação das línguas indígenas. Foi apenas em 1988, ano da promulgação da nova Constituição Brasileira, que se observou algum esforço para valorizar e proteger as línguas nativas.

Porém, entre a Era Colonial e o começo desse esforço de proteção, houve um longo período de desatenção que gerou danos irreparáveis. Estima-se que eram faladas no Brasil entre 1.100 e 1.500 línguas. Neste amplo universo, conseguiram sobreviver apenas aproximadamente 274 línguas nativas brasileiras.

Em alguns casos, a língua é falada por poucas pessoas ou está apenas na memória de um grupo étnico, caso este que ocorre entre três (03) etnias do Estado de Mato Grosso do Sul, é o caso da etnia Atikum localizado no município da cidade de Nioaque MS Aldeia Taboquinha, a etnia Guató, localizada no extremo-norte de Mato Grosso do Sul, na Ilha Ínsua, no município de Corumbá, busca a revitalização da cultura Guató e em outro local também na Toghopanã, localizada na Aldeia Uberaba, em Corumbá-MS, lutam em busca de resgatar a sua cultura, principalmente a língua, o traço mais marcante de uma etnia.

É o caso também do povo Ofaié, a Terra Indígena, situada no município de Brasilândia (MS), restaram alguns falantes. Normalmente, esse grupo é formado por anciãos ou ouvintes não dotados de didática para transmitir a outras pessoas seu conhecimento, fazendo com que se perca a diversidade cultural linguística.

São três (03) etnias mencionadas do nosso Estado, caso este que traz uma preocupação imensa, pois desde a colonização o desaparecimento das línguas indígenas vem ocorrendo com bastante frequência. A prova disso é o que o grande pesquisador Aryon (2002) trata ao expor que na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, há mais de quinhentos e vinte três anos, o número das línguas era o dobro do que é hoje.

Segundo Rodrigues (2002), naturalmente o maior número das línguas indígenas desapareceu nas áreas que foram colonizadas e alguns desses povos perderam sua língua em função do português quando foi imposto pelos colonizadores, fato este que ocorre entre a nação nativa até no tempo atual, a herança da imposição perdura entre os povos nativos.

Ao decorrer dos anos, o povo Terena vem sofrendo pressão da língua de prestígio e também está passando por um processo agressivo de mudanças linguísticas, pois, os indígenas está adotando o uso da língua portuguesa é uma língua de prestígio e que língua Terena está sofrendo mudança, com o passar do tempo, vem sofrendo essas mudanças por ser uma língua minoritária; e cada vez mais é sufocada pela língua dominante, este caso, não é somente a língua Terena que vem sofrendo esta pressão, mas as outras línguas nativas, também.

As mudanças vêm gerando o processo do desaparecimento da transmissão e o uso de uma língua Terena para as futuras gerações, estão sendo muito rápidas e tem levado em curto período de tempo à processo de extinção de grande número de falantes, nota-se isto dentro da comunidade pesquisada, jovens se expressando somente na língua portuguesa ou tentando incorporar os empréstimos da língua portuguesa no uso de vocabulário do dia a dia.

Daremos uns exemplos elencando a variação de língua Terena tradicional entre os anciões e muitos empréstimos na língua portuguesa que os jovens usam no seu cotidiano incorporando o uso de língua portuguesa nas suas falas, posteriormente apresentaremos palavras aportuguesada que o povo Terena incorporou na sua fala. Ex: antigamente na língua Terena era: **Epo'e**, atualmente nota-se que foi aportuguesada na fala do Terena, passando a ser usado por: **Mbôla**, assim como em muitas palavras.

Sendo assim, a variação hoje que ocorre entre os povos da Aldeia Cachoeirinha, permite identificar que o uso da língua dominante está forte entre os jovens, que vem precedida a perda da cultura e da língua materna, processo que poderá levar ao glotocídio ao longo do tempo.

Através do quadro de palavras, daremos alguns exemplos, evidenciando a ocorrência de variação linguística dessa comunidade, suscitada também pelo empréstimo linguístico da língua portuguesa.

CAPÍTULO II

ESTADO DA ARTE

2.1 Situação Linguística na Aldeia Cachoeirinha Miranda-MS

Neste quadro foi elencado as palavras de língua Terena e suas variações, as palavras que foram substituídas por outras palavras novas pelos falantes mais jovens, nota-se que as palavras que são usadas somente pelos os anciões os mais jovens já não fazem o seu uso no dia a dia, ficando apenas na memória, algumas palavras coletadas notam-se os empréstimos de língua portuguesa.

Mas antes de mostrarmos as palavras de língua Terena é de suma importância mencionarmos o alfabeto Terena:

A - MB - K - ND - E - NG - H - I - NJ - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - U - V - X - Y - NZ - ’, fazendo a comparação do alfabeto da língua portuguesa:

A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z,

notamos as diferenças dos dois alfabeto que se encontram em uso nas falas do povo t-Terena, percebemos que as falas dessa comunidade aportuguesou nos dias atuais, nota-se nas seguintes palavras:

A - Ârame (arame), **M- mótu** (moto), **B - Mbôla** (bola), **N - Naranga** (laranja), **Njanela** (janela), etc.

Quadro IV: Lista de palavras Terena e suas variações.

Norma Gramatical da Língua Terena e as variações entre seus falantes da aldeia Cachoeirinha município de Miranda Mato Grosso do Sul	
Nonêti: Fotografia	Nonéti: Planta
Hûpa: Espécie de Peixe	Hûpa: Espécie de Tear
Yavâ`u: Caramujo	Vayâ`u: Caramujo
Manirapo: Exatamente	Marinapo: Exatamente

Haína: Não é!	Ako'ó: Não é!
Iníngone: Meu amigo (a)	Enjoné: Meu amigo (a)
Itipú'ixovoti: Dobradura	Hokeyóxovoti: Dobradura
Xâne: Pessoas (não indígenas)	Xâne: Indígenas
Puxárara: Não Indígenas	Purútuye: Não Indígenas
Korotóke: Capim Rosário, Capim -de-contas, contas-de- rosário , conta-de-lágrimas, lágrima-de-nossa-senhora.	Torotótoke: Capim Rosário, Capim -de-contas, contas-de- rosário , conta-de-lágrimas, lágrima-de-nossa-senhora.
Embémoti: Questionar Algo	Embémoti: Pedir Algo
Yonóti: Caminhar	Yonóti: Erisipela é uma infecção cutânea causada por bactérias que penetram por ferimentos na pele, como picadas de insetos e micoses.
Káva'ó: Galho de árvore	Káva'ó: Grau de parentesco significa a relação que une pessoas de acordo com seus vínculos genéticos
Numinguxóá: apanhar na água (peixes ou outros animais marinhos).	Numinguxóá: fazer diligências para descobrir (algo); inquirir, indagar.
Omenjoáti: apropriar-se de (bem alheio), mediante violência, ameaça ou fraude.	Omenjoáti: perceber ou tentar perceber o cheiro de (algo ou alguém).
Ihároti: Período de tempo entre o amanhecer e o meio-dia. 2. Princípio do dia.	Ihároti: Período do dia entre as 06h00min (as seis da manhã) e as 11h59min (o um para o meio-dia),

<p>Kiyakáxeke: A véspera de; o dia que antecede o dia de hoje. O que já passou, o passado: a vida atualmente é diferente da de ontem.</p>	<p>Kiyakáxeke: Espaço do dia compreendido entre o meio-dia e o anoitecer. Quando ocorreu algo é o indivíduo faz uma menção de algo.</p>
<p>Hípo: É uma estrutura composta por queratina presente na ponta dos dedos</p>	<p>Hípo: Rolo de tabaco picado, enrolado em papel fino (mortalha), e que se destina a ser fumado.</p>
<p>Hepîpi: As formigas-cortadeiras cortam e transportam vegetais diversos para dentro de seus ninhos, sendo as saúvas (gênero Atta) e quenquéns (gênero Acromyrmex) as representantes deste grupo de insetos com hábitos tão particulares.</p>	<p>Hepîpi: plantas trepadeiras e lenhosas, de ramos longos e flexíveis, que se enrolam nos troncos das árvores como se fossem cordas; Hepîpi: Cobra-cipó é o nome popular das serpentes do gênero Chironius. Também é conhecida pelo nome boiobi, que é de origem tupi e que significa "cobra verde", através da junção dos termos mboîa e oby.</p>
<p>Yôko: Sua tia</p>	<p>Yôko: Venha cá.</p>
<p>Tûti: É a parte mais sofisticada do nosso corpo: O cérebro, o órgão mais importante do sistema nervoso que controla o corpo todo. Ele é responsável pelas ações voluntárias e involuntárias do nosso corpo.</p>	<p>Tutiye: Indivíduo investido de poder para ocupar lugar de mando.</p>
<p>Kó'iyevoku: Sentimento de sofrimento ou aflição por algo.</p>	<p>Kó'iyevoku: É a impressão provocada nos olhos pela luz refletida pelos corpos; coloração ou tonalidade apresentada por algo.</p>

<p>Mbókoti: Queda volumosa de água da corrente de um rio; torrente de água que cai e corre velozmente. É o nome da Aldeia da minha origem (Aldeia Cachoeirinha), diz na minha pesquisa que: Era um córrego que banhava a aldeia Cachoeirinha e havia uma queda no local onde se localiza o açude até hoje neste local.</p>	<p>Kali Mbókoti: Cascata (do italiano cascata, “queda”) é palavra que nomeia uma queda d'água pequena. É o nome da Aldeia da minha origem (Aldeia Cachoeirinha), diz na minha pesquisa que: Era um córrego que banhava a aldeia Cachoeirinha e havia uma queda no local onde se localiza o açude até hoje neste local.</p>
<p>Ipukópopéti: É um artefato utilizado para apagar quadros escolares ou também podendo ser borracha de apagar.</p>	<p>Ipukópopéti: É um artefato utilizado para apagar quadros escolares ou também podendo ser borracha de apagar.</p>
<p>Njirípana: Peça ou conjunto de peças de vestir; traje.</p>	<p>Ímbovo: Peça ou conjunto de peças de vestir; traje.</p>
<p>Utútu: Animal mamífero doméstico da família dos canídeos, do gênero <i>Canis familiaris</i>, da qual existem diversas raças adestradas; cachorro.</p>	<p>Tamúku: Animal mamífero doméstico da família dos canídeos, do gênero <i>Canis familiaris</i>, da qual existem diversas raças adestradas; cachorro.</p>
<p>Óvongu: Minha casa.</p>	<p>Mbêno: Minha casa.</p>
<p>Ako koêku: Não aconteceu nada.</p>	<p>Ako Yuvâti: Não aconteceu nada/ Pode ser usado também ao responder um agradecimento.</p>
<p>Ûti: Nós/ indicando <i>eu</i> mais outra ou outras pessoas.</p>	<p>Ûtinoe: Nós/ indicando <i>eu</i> mais outra ou outras pessoas.</p>
<p>Kali Ho'openo: Bichinho de estimação.</p>	<p>Kali Mbeyoti: Bichinho de estimação.</p>

Hána'iti: Tamanho que algo ou alguma coisa tem; estatura: previsão da altura da criança quando adulta. Qualidade do que é alto, do que não é baixo.	Éyevoti: Tamanho que algo ou alguma coisa tem; estatura: previsão da altura da criança quando adulta. Qualidade do que é alto, do que não é baixo.
Kásati: Cujá temperatura é baixa.	Kasámeti: Cujá temperatura é baixa.
Ihíyoti Kipâhi: Na Cultura Terena, é a Dança da Ema, popularmente conhecida como a Dança do Bate-pau, tem uma grande importância para o povo Terena.	Hiyokéxoti Kipâe: Na Cultura Terena, é a Dança da Ema, popularmente conhecida como a Dança do Bate-pau, tem uma grande importância para o povo Terena.
Éxetina: É o conjunto de conhecimentos relativos ao passado, geralmente são contados por anciãos.	Exetínati: É o conjunto de conhecimentos relativos ao passado, geralmente são contados por anciãos.
Ayuíti; Reunião de pessoas com fins recreativos, ger. acompanhada de música, dança, bebidas e comidas.	Mbaile: reunião de pessoas com fins recreativos, ger. acompanhada de música, dança, bebidas e comidas.
Méku: Em época remota; no passado; outrora.	Mekúke; Em época remota; no passado; outrora.
Kali Kasámoti Mêum: Refere-se às temperaturas baixas (quando não são negativas) e à sensação que se transmite perante esse fenômeno.	Kali Kasamo Koe Mêum: Refere-se às temperaturas baixas (quando não são negativas) e à sensação que se transmite perante esse fenômeno.
Viyeno: Que ou aquele que, em relação a outra(s), pertence à mesma família por consanguinidade ou podendo ser por consideração, isto é, bem presente na relação das famílias indígenas.	Viyénoxapa: Que ou aquele que, em relação a outra(s), pertence à mesma família por consanguinidade, ou podendo ser por consideração, isto é,

	<p>bem presente na relação das famílias indígenas.</p>
<p>Émoketi; É um vício moral, que permite ao maledicente sentir prazer ao apontar os defeitos dos outros.</p>	<p>Koemóke'eti: É um vício moral, que permite ao maledicente sentir prazer ao apontar os defeitos dos outros.</p>
<p>Inámatiko Xâne: Adjetivo de pouca idade; na juventude; moço: mulher jovem. Que ainda possui o vigor da juventude.</p>	<p>Inámati Xâne; Adjetivo de pouca idade; na juventude; moço: mulher jovem. Que ainda possui o vigor da juventude.</p>
<p>Itípakovoti: Uma pessoa simpática é aquela que trata as pessoas bem, com educação, que conquista as pessoas com seu sorriso amigo, Uma pessoa simpática é amistosa, agradável, educada, gentil e amável para com o outro.</p>	<p>Kohé'ekovoti: Uma pessoa simpática é aquela que trata as pessoas bem, com educação, que conquista as pessoas com seu sorriso amigo, Uma pessoa simpática é amistosa, agradável, educada, gentil e amável para com o outro.</p>
<p>Kaxena Ūti: O Dia dos Povos Indígenas é celebrado em 19 de abril, sendo uma data de grande importância porque celebra a diversidade cultural dos povos indígenas no Brasil.</p>	<p>Kaxena Kopénoti: O Dia dos Povos Indígenas é celebrado em 19 de abril, sendo uma data de grande importância porque celebra a diversidade cultural dos povos indígenas no Brasil.</p>
<p>Ko'exonetí: Indivíduo que, supostamente, cura doenças com rezas, benzimentos ou feitiçarias sem curso de habilitação; charlatão em medicina. Quem trata pessoas com curas e benzimentos.</p>	<p>Koixómoneti: Indivíduo que, supostamente, cura doenças com rezas, benzimentos ou feitiçarias sem curso de habilitação; charlatão em medicina. Quem trata pessoas com curas e benzimentos.</p>
<p>Húpati: É uma situação que, por ter alguma característica extraordinária, adquire relevância e consegue chamar à atenção.</p>	<p>Xúnati Hupa'iyé: É uma situação que, por ter alguma característica</p>

	extraordinária, adquire relevância e consegue chamar à atenção.
Yékoteno: O pai do pai (avô paterno) ou da mãe (avô materno) de um indivíduo ou até mesmo o mais velho (ancião ou anciã), pois dentro da comunidade do povo Terena significa um grau de respeito com o idoso.	Ôtu: O pai do pai (avô paterno) ou da mãe (avô materno) de um indivíduo ou até mesmo o mais velho (ancião ou anciã), pois dentro da comunidade do povo Terena significa um grau de respeito com o idoso.
Enotíne Yóti: Expressão popular utilizada para se referir às últimas horas da noite e primeiros horários da madrugada.	Enoné Yóti: Expressão popular utilizada para se referir às últimas horas da noite e primeiros horários da madrugada.
Kauhá'ixopeti: Utensílio para varrer, constituído por um cabo longo de madeira a que se fixa, numa das extremidades, um feixe de fibras de piaçaba ou outras fibras ou pelos naturais ou sintéticos.	Vassoura: Utensílio para varrer, constituído por um cabo longo de madeira a que se fixa, numa das extremidades, um feixe de fibras de piaçaba ou outras fibras ou pelos naturais ou sintéticos.
Xiri-Xiri: Também conhecido como colibri, é o mensageiro dos deuses e simboliza o renascimento, a delicadeza e a cura.	Beija-Flor: Também conhecido como colibri, é o mensageiro dos deuses e simboliza o renascimento, a delicadeza e a cura.
Kosí'u: Gênero de insetos da ordem dos himenópteros.	Formiga: Gênero de insetos da ordem dos himenópteros.
Hô'i: Conjunto de árvores e de outras formações vegetais de diferentes espécies.	Úhiti: Conjunto de árvores e de outras formações vegetais de diferentes espécies.

Itíveti: Que possui sabor de açúcar ou de mel.	Ndúce: Que possui sabor de açúcar ou de mel.
Xuyukekuti: São os órgãos do sistema urinário responsáveis pela formação da urina. Apresentam um formato que lembra um feijão.	Hi'im: São os órgãos do sistema urinário responsáveis pela formação da urina. Apresentam um formato que lembra um feijão.
Koniriúti: Termos usados em sistemas de classificação racial para os seres humanos que geralmente se relaciona a um fenótipo de pele escura	Haha'oti: Termos usados em sistemas de classificação racial para os seres humanos que geralmente se relaciona a um fenótipo de pele escura
Eréndakaka: Verme anelídeo oligoqueta que cava galerias no solo húmido, de que se alimenta, contribuindo assim para o arejamento dos terrenos.	Minhoka: Verme anelídeo oligoqueta que cava galerias no solo húmido, de que se alimenta, contribuindo assim para o arejamento dos terrenos.
Koêru: É um papagaio, uma ave que tem como característica o fato de repetir a fala de quem se encontra ao redor.	Lurû: O papagaio é uma ave que tem como característica o fato de repetir a fala de quem se encontra ao redor.
Yava Poké'eke: Sentar no chão.	Ivétaka Poké'eke: Sentar no chão.
Kalihá: É uma pequenas porções gradualmente, lentamente; fazer pouco de.	Akoti Axu'ina: É uma pequenas porções gradualmente, lentamente; fazer pouco de.
Koipíhapati: Espírito de uma pessoa morta.	Ivokinevoti: Espírito de uma pessoa morta.
Káxe: (Dia) É uma unidade de tempo geralmente definida como um intervalo igual a 24 horas.	Káxe: (Sol) O Sol é a estrela do sistema solar.

Vápopo: Conhecido também como mãe-da-lua, urutau-comum, urutágua, urutágo, Kúa-kúa e Uruvati (nomes indígenas - Mato Grosso). O nome urutau é tupi e significa “ave fantasma”.	Urutau: Conhecido também como mãe-da-lua, urutau-comum, urutágua, urutágo, Kúa-kúa e Uruvati (nomes indígenas - Mato Grosso). O nome urutau é tupi e significa “ave fantasma”.
Moyoúhe: Ave de hábitos noturnos, pardo-amarelada, com pintas pretas e que mede cerca de 30cm.	Curiango: Ave de hábitos noturnos, pardo-amarelada, com pintas pretas e que mede cerca de 30cm.
Kapáhue: É uma ave de hábitos noturnos e predatórias, murucutu, murucututu, mocho-mateiro, mocho-rasteiro.	Corujão: É uma ave de hábitos noturnos e predatórias, murucutu, murucututu, mocho-mateiro, mocho-rasteiro.
Ili-Ili: Para o Terena é uma ave de poder que simboliza superioridade e liberdade. Ele representa os poderes solar e feminino, bem como é um símbolo de nobreza.	Gavião: Para o Terena é uma ave de poder que simboliza superioridade e liberdade. Ele representa os poderes solar e feminino, bem como é um símbolo de nobreza.
Kipâe: A ema é considerada a maior ave brasileira, mede 1,50 m de altura e pesa cerca de 25 quilos. Apesar de possuir asas grandes, a ema não voa e utiliza as asas para se equilibrar e mudar de direção na corrida.	Ema: (Ema) A ema é considerada a maior ave brasileira, mede 1,50 m de altura e pesa cerca de 25 quilos. Apesar de possuir asas grandes, a ema não voa e utiliza as asas para se equilibrar e mudar de direção na corrida.
Piképakitu: O Perdigão é uma ave terrestre de tamanho médio. Outros nomes comuns para as espécies incluem grande perdiz, perdiz rufous, e ynambu.	Perdigão: O Perdigão é uma ave terrestre de tamanho médio. Outros nomes comuns para as espécies incluem grande perdiz, perdiz rufous, e ynambu.

Mókohoe: Ave pernalta, ligeiramente parecida com a ema.	Jaó: Ave pernalta, ligeiramente parecida com a ema.
Tôhe: nome de uma ave da fauna brasileira, Imperfeitamente classificada, a que também chamam chóró. {novo}.	Sururina ou Nanbû: nome de uma ave da fauna brasileira, Imperfeitamente classificada, a que também chamam chóró. {novo}.
Nûnu: Aves da família dos columbídeos (Rolinha-Roxa)	Pombo: Aves da família dos columbídeos.
Kurûte: Aves da família dos columbídeos	Pombo: Aves da família dos columbídeos.
Kara-kara: Espécie de Periquito que se assemelha muito ao papagaio,	Baitaca: Espécie de Periquito que se assemelha muito ao papagaio,
Kimôum: É conhecido na região brasileira, também é chamado pelo país de caititu, taititu, pecari, porco-do-mato e patira.	Keixada: É muito conhecido na região brasileira, também é chamado pelo país de caititu, taititu, pecari, porco-do-mato e patira.
Kovêko: O cateto (Pecari tajacu) possui praticamente a mesma distribuição geográfica dos queixadas, sendo também nativo das Américas.	Kateto: O cateto (Pecari tajacu) possui praticamente a mesma distribuição geográfica dos queixadas, sendo também nativo das Américas.
Konôum: É um animal que faz parte da ordem Lagomorpha e família Leporidae, a mesma das lebres. Trata-se de um mamífero herbívoro.	Coelho: É um animal que faz parte da ordem Lagomorpha e família Leporidae, a mesma das lebres. Trata-se de um mamífero herbívoro.

<p>Ánakehe: Animal que se parece com o coelho e tem costumes um tanto semelhantes aos deste.</p>	<p>Kutia: Animal que se parece com o coelho e tem costumes um tanto semelhantes aos deste.</p>
<p>Tipe: veado, ou cervo, como é conhecido no Brasil, é um animal que simboliza a superioridade espiritual, está ligado ao sagrado. É símbolo de regeneração, gentileza na crença Terena.</p>	<p>Veado: veado, ou cervo, como é conhecido no Brasil, é um animal que simboliza a superioridade espiritual, está ligado ao sagrado. É símbolo de regeneração, gentileza na crença Terena.</p>
<p>Nikîti Niki: Mamífero roedor, de pelagem castanha e malhas claras, de cauda reduzida a um tubérculo, e compr. de cerca de 70 cm. (Muito comum em quase todo o Brasil e América do Sul, tem carne muito apreciada).</p>	<p>Paka: Mamífero roedor, de pelagem castanha e malhas claras, de cauda reduzida a um tubérculo, e compr. de cerca de 70 cm. (Muito comum em quase todo o Brasil e América do Sul, tem carne muito apreciada).</p>
<p>Kútexu: Mamífero diurno da fam. dos procionídeos (<i>Nasua nasua</i>), encontrado em grande parte da América do Sul, de focinho longo e cauda com anéis escuros, que ger. mantém levantada [Vive solitário ou em grupos de até 30 indivíduos e alimenta-se de frutos e pequenos animais.].</p>	<p>Kuati: Mamífero diurno da fam. dos procionídeos (<i>Nasua nasua</i>), encontrado em grande parte da América do Sul, de focinho longo e cauda com anéis escuros, que ger. mantém levantada [Vive solitário ou em grupos de até 30 indivíduos e alimenta-se de frutos e pequenos animais.].</p>
<p>Mayané Kámo: Mamífero nativo da América do Sul com uma tromba pequena e cauda curta, podendo chegar aos 2 metros de comprimento.</p>	<p>Anta: Mamífero nativo da América do Sul com uma tromba pequena e cauda curta, podendo chegar aos 2 metros de comprimento.</p>
<p>Yovíre: Animal mamífero, carnívoro, da família dos canídeos que ocorre em todo o</p>	<p>Lobo: Animal mamífero, carnívoro, da família dos canídeos que ocorre em todo</p>

<p>mundo. Existem muitas espécies de lobo, como: lobo-guará; lobo-árabe.</p>	<p>o mundo. Existem muitas espécies de lobo, como: lobo-guará; lobo-árabe.</p>
<p>Yunãe: Teiú é o nome de um lagarto, o mesmo que tiú. (VIDE TIÚ).</p>	<p>Tiú: Teiú é o nome de um lagarto, o mesmo que tiú. (VIDE TIÚ).</p>
<p>Sêmu: Pequeno réptil sáurio, da família dos Lacertídeos, de pequeno porte, cabeça achatada.</p>	<p>Largatixa: Pequeno réptil sáurio, da família dos Lacertídeos, de pequeno porte, cabeça achatada.</p>
<p>Kóexoe: Serpente.</p>	<p>Cobra: Serpente.</p>
<p>Môto: É uma brincadeira que o povo Terena praticava antigamente.</p>	<p>Móto/ Lutá: É uma brincadeira que o povo Terena praticava antigamente.</p>
<p>Ikokúti Úne: Grande buraco, ger. circular e murado, cavado na terra a fim de atingir um lençol aquífero.</p>	<p>Púsu: Grande buraco, ger. circular e murado, cavado na terra a fim de atingir um lençol aquífero.</p>
<p>Voxúnoekene: Pessoa de quem se descende; ascendente. 2. Antecessor.</p>	<p>Vukeaku Mekú/ Antepassado: Pessoa de quem se descende; ascendente. 2. Antecessor.</p>
<p>Hó'orikokuti: Corda, fio ou arame esticado (ger. entre varas) onde se colocam roupas para secar.</p>	<p>Varau (Varal): Corda, fio ou arame esticado (ger. entre varas) onde se colocam roupas para secar.</p>
<p>Isáne: Pequena propriedade agrícola onde se cultivam frutas, hortaliças e alguns cereais.</p>	<p>Kavané: Pequena propriedade agrícola onde se cultivam frutas, hortaliças e alguns cereais.</p>
<p>Na Yúki?: Cadê o sal?</p>	<p>Na Yúki?: Local onde se mora, reside. (Onde você morea).</p>

<p>Arâha: Fruto da goiabeira (<i>Psidium guajava</i>); araçá-guaçu, araçá-mirim, araçauaçu, guaiaba, guaiava, guiaba.</p>	<p>Arâha/ Goiaba: Fruto da goiabeira (<i>Psidium guajava</i>); araçá-guaçu, araçá-mirim, araçauaçu, guaiaba, guaiava, guiaba.</p>
<p>Híhiya Koye: Que tem a cor do limão, da gema do ovo ou do ouro/ pálido.</p>	<p>Hiyá'iti: Que tem a cor do limão, da gema do ovo ou do ouro/ pálido.</p>
<p>Tonó'iti: Frutos que ainda estão verdes.</p>	<p>Avo Itápu: Frutos que ainda estão verdes.</p>
<p>Káxu: (do tupi-guarani “acayu” ou “aca-iu”, que significa “noz que se produz”) é visto, na maioria das vezes, como o fruto do cajuzeiro</p>	<p>Caju/ káxu: (do tupi-guarani “acayu” ou “aca-iu”, que significa “noz que se produz”) é visto, na maioria das vezes, como o fruto do cajuzeiro</p>
<p>Inámati Ovokúti: Adquirir uma casa própria e nova.</p>	<p>Inámati Penóti: Adquirir uma casa própria e nova</p>
<p>Kali Mopô'i: Diminutivo de morro. Trata-se de um morro pequeno, e leva o nome de uma aldeia nesta região da Aldeia Cachoeirinha/ Miranda-MS.</p>	<p>Aldeia Morrinho: Diminutivo de morro. Trata-se de um morro pequeno, e leva o nome de uma aldeia nesta região da Aldeia Cachoeirinha/ Miranda-MS.</p>
<p>Mbókoti Úne: Corrente de água que caia do alto de um penhasco ou montanha formando um lago ou dando continuidade ao rio.</p>	<p>Mbókoti: Corrente de água que caia do alto de um penhasco ou montanha formando um lago ou dando continuidade ao rio. É o nome da Aldeia Cachoeirinha, local onde foi feito o levantamento desta pesquisa da variação linguística entre os falantes natos da Língua Terena (Mbókoti/ Kali Mbókoti/ Cachoeirinha).</p>

Ipirékeuti: Barrote de madeira é uma estrutura muito utilizada anteriormente pelos Terena.	Ipirekexovóti: Barrote de madeira é uma estrutura muito utilizada anteriormente pelos Terena.
Hévoe: É uma hortaliça de grande consumo em todo o mundo.	Sépola/Cebola: É uma hortaliça de grande consumo em todo o mundo.
Kali Ninga: Refeição ligeira entre o almoço e o jantar; merenda.	Kali Imovõ: Refeição ligeira entre o almoço e o jantar; merenda.
Unati Yákoye: Expressão utilizada como forma de acalmar outrem que se encontra em conflitos ou como uma forma de despedida.	Unati Keyé: Expressão utilizada como forma de acalmar outrem que se encontra em conflitos ou como uma forma de despedida.
Étuku; Conjunto de vagões ferroviários ligados entre si e puxados por uma locomotiva; comboio.	Passayeru: Conjunto de vagões ferroviários ligados entre si e puxados por uma locomotiva; comboio.
Veyokúti Tiúketi: Banco é um local onde guarda o dinheiro.	Kounakokuti Tiúketi: Um banco é uma entidade financeira que se dedica à gestão do dinheiro.
Hivaká'iti: É um confronto entre duas ou mais pessoas, grupos de indivíduos, corporações ou outra classe de entidades.	Orixokokoti: É um confronto entre duas ou mais pessoas, grupos de indivíduos, corporações ou outra classe de entidades. Xavakóti: É um confronto entre duas ou mais pessoas, grupos de indivíduos, corporações ou outra classe de entidades.
Vanexókuti: O termo mercado designa um local, seja ele físico ou não, onde compradores e vendedores estabelecem relações comerciais.	Kavanekúti: O termo mercado designa um local, seja ele físico ou não, onde compradores e vendedores estabelecem relações comerciais.

Yutoxókuti: local onde se exerce uma atividade administrativa e onde se fazem negócios.	Yutoxókuti: Conjunto de folhas brancas ou pautadas. Escritório: local onde se exerce uma atividade administrativa e onde se fazem negócios.
Ipixáxovokuti: Estabelecimento próprio para internação e tratamento de doentes ou de feridos.	Hospitá/ Hospital: Estabelecimento próprio para internação e tratamento de doentes ou de feridos.
Patîke: Pequena coruja diurna dos países sul-americanos.;[tupi, kawu're].	Patîke: Pequena coruja diurna dos países sul-americanos.;[tupi, kawu're]. Hurumukuku: Vive em buracos cavados no solo, daí o nome buraqueira. Essas aves têm a boa visão como principal característica. Enxergam até cem vezes mais do que o ser humano. Além disso, possuem uma ótima audição.
Epô'e: Objeto esférico para ser atirado, batido, chutado, empurrado, carregado, rolado ou arremessado, dependendo do jogo.	Mbola: Objeto esférico para ser atirado, batido, chutado, empurrado, carregado, rolado ou arremessado, dependendo do jogo.
Ivú'eti: veículo que se locomove sobre rodas, para transporte de passageiros ou de cargas.	Carro: veículo que se locomove sobre rodas, para transporte de passageiros ou de cargas.
Úkoe: Lobo-guará (nome científico: Chrysocyon brachyurus), também chamado guará, aguará, aguaracu, lobo-de-crina, lobo-de-juba e lobo-vermelho.	Lobo-Guará: (nome científico: Chrysocyon brachyurus), também chamado guará, aguará, aguaracu, lobo-de-crina, lobo-de-juba e lobo-vermelho.

Kotépaka: nome de espécies de peixes de água doce.	Pacu: nome de espécies de peixes de água doce.
Pî'a Yéhixoku: São números pertencentes a um conjunto numérico formado pela união de outros dois conjuntos	Vinti Koetí real: São números pertencentes a um conjunto numérico formado pela união de outros dois conjuntos.
Sípilo: Peixe-cachorro, nome popular de um peixe fluvial, o mesmo que icanga.	Peixe-Cachorro: Nome popular de um peixe fluvial, o mesmo que icanga.
Pitivóko: Cidade, significa um espaço geográfico caracterizado por uma concentração populacional que se dedica a atividades econômicas (comércio, indústria).	Cidadeke: Significa um espaço geográfico caracterizado por uma concentração populacional que se dedica a atividades econômicas (comércio, indústria).
Vorópi: É uma espécie de cobra d'água na crença Terena, se essa cobra sair do seu habitat (rio/lago) secará este local, pois pode migrar para outro local onde tenha água.	Enó Ûne: É uma espécie de cobra d'água na crença Terena, se essa cobra sair do seu habitat (rio/lago) secará este local, pois pode migrar para outro local onde tenha água.
Têrenoe: Nação Terena/ Etnia Terena	Terena: O mesmo que Têrenoe/ Etnia Terena.
Nepáke: Baralho é o conjunto de cartas de jogo, que varia em número de acordo com o jogo a que serve.	Baralho: É o conjunto de cartas de jogo, que varia em número de acordo com o jogo a que serve.
Araúkokuti: Açude é estrutura artificial de terra, de alvenaria, de concreto simples, ou de armado, com ou sem escavação, para acumulação de águas pluviais. Dentro da	Tângui: Açude é estrutura artificial de terra, de alvenaria, de concreto simples, ou de armado, com ou sem escavação, para acumulação de águas pluviais.

reserva da comunidade Terena este local serve para tomar banho/ nadar, sendo que a água não é contaminada.	Dentro da reserva da comunidade Terena este local serve para tomar banho/ nadar, sendo que a água não é contaminada.
Nâranga: Laranja é o fruto produzido pela laranjeira (<i>Citrus × sinensis</i>).	Laranja: É o fruto produzido pela laranjeira (<i>Citrus × sinensis</i>).
Vítumba: Pitomba é o fruto da pitombeira. Essa árvore, alta, de grande copa e casca lisa, é encontrada na reserva da Aldeia Cachoeirinha e é muito apreciado entre eles.	Fruto da pitombeira. Essa árvore, alta, de grande copa e casca lisa, é encontrada na reserva da Aldeia Cachoeirinha e é muito apreciado entre eles.
Há'i Tikoti: Fruta é um produto comestível obtido a partir de certas plantas cultivadas ou silvestres.	Fruta: é um produto comestível obtido a partir de certas plantas cultivadas ou silvestres.
Hopú'iti: (Cor) Que tem a cor da neve ou do leite.	Hopú'iti: (Cor) Que tem a cor da neve ou do leite. É o termo que os Terena denomina o não indígena.
Ipixáti: (Remédio) é qualquer substância ou recurso utilizado para obter cura ou alívio.	Remédio: é qualquer substância ou recurso utilizado para obter cura ou alívio.
Oeti: (Dente) É o corpo duro que se encontra nas mandíbulas (os maxilares) do ser humano e de muitos animais e que serve para mastigar.	Ôe: (Dente) É o corpo duro que se encontra nas mandíbulas (os maxilares) do ser humano e de muitos animais e que serve para mastigar.
Karápa: (Garrafa) É Vasilha bojuda de gargalo comprido e estreito, destinada a líquidos.	Garrafa: Vasilha bojuda de gargalo comprido e estreito, destinada a líquidos.

Amukirike: (Espinho) Termo utilizado pelos Terena para nomear o espinho de uma palmeira nativa brasileira e uma das duas espécies que são popularmente conhecidas pelos nomes de macaúba, macaíba, boicaiuva.	Ave Emúkaia: Outro termo que o falante Terena denomina o espinho de uma palmeira nativa brasileira e uma das duas espécies que são popularmente conhecidas pelos nomes de macaúba, macaíba, boicaiuva.
Púsu: (Poço) Grande buraco, ger. circular e murado, cavado na terra a fim de atingir um lençol aquífero.	Púsu: (Bolso) Saquinho de pano costurado na parte interna ou externa da roupa, com uma fenda numa das extremidades.
Êno: Minha mãe.	Êno Ûndi: Minha mãe. Mamãe na Ûndi: Minha mãe.
Nzâ'a: Meu pai.	Há'a Ûndi: Meu pai. Papai na Ûndi: Meu Pai.
Vunaé: Deus.	Itukó'oviti: Deus.
Ihikaxovokutí: (Escola) Estabelecimento público ou privado destinado ao ensino coletivo.	Iscola: (Ihikaxovokutí) (Escola) Estabelecimento público ou privado destinado ao ensino coletivo.
Nikokonoti: Refeição ao meio dia em família ou sozinho (a).	Aramusa: Refeição ao meio dia em família ou sozinho (a).
Kixóvokoxopaikomaka: Disse novamente.	Kixopámakahiko: Disse novamente. Kixoanehiko: Disse novamente
Xuna'axoti: Lider Indígena Nâti: Lider Indígena	Cacique: Lider Indígena
Tamu'iti: Verde	Honono'iti: Verde

Yuvékeuti: Doce típica do povo Terena (Feito de Bocaiuva).	Ipussopu'úti Emukaia: Doce típica do povo Terena (Feito de Bocaiuva).
Pixé: Doce feito de farinha milho.	Ipunupae: Doce feito de farinha de milho.
Híturi: (Taboa) É uma planta hidrófita típica de brejos, várzeas e outros espelhos de águas.	Pirpiri: (Taboa) É uma planta hidrófita típica de brejos, várzeas e outros espelhos de águas.
Marakaya (Gato): Um animal felino, mamífero e de quatro patas.	Vivi (Gato): Um animal felino, mamífero e de quatro patas.
Hurêre (Inseto piolho de cobra / gongolo), nome vulgar da centopeia e do embuá.	Churêre: (Inseto piolho de cobra / gongolo), nome vulgar da centopeia e do embuá.
Xukuyupu'iti (Toco): Parte do tronco ou da raiz que fica na terra após o corte de uma árvore.	Eporero (Toco): Parte do tronco ou da raiz que fica na terra após o corte de uma árvore. Maturupu'iti (Toco): Parte do tronco ou da raiz que fica na terra após o corte de uma árvore.
Siputerena Noé: Dança tradicional feminina das mulheres Terena.	Siputerena; Dança tradicional feminina das mulheres Terena. Xiputerena; Dança tradicional feminina das mulheres Terena. Putu-Putu: Dança tradicional feminina das mulheres Terena.
Nzimone: Cheguei	Unza'ixovoné: Cheguei

Enovópeti (Copo) Refere-se a qualquer tipo de copo, geralmente de vidro ou cristal, é um termo usado mais pelos anciões.	Kopú (Copo) Refere-se copo é o item lexical mais usado pelos jovens.
Yuporoheuti: Linda/ Bonita.	Uhé'okoti: Linda/ Bonita.
Xomoyu: Comida/ Almoço Hopûpa: Comida/ Almoço	Nikokonoti: Comida/ Almoço
Alunoe: Moça	Ârunoe: Moça
Poke'eke: Cemitério.	Simitério: Cemitério. Kuruhuké: Cemitério.
Pahukovoti/ Errar: Incurrer em erro, em engano.	Eraxovoti/Errar: Incurrer em erro, em engano.
Na'angenexopovotine: Pôr-se no caminho, ir-se embora.	Mbihópotine: Pôr-se no caminho, ir-se embora.
Leveheoti/ Procurando: Buscando, investigando; perseguindo; pesquisando.	Oposíheoti/ Procurando: Buscando, investigando; perseguindo; pesquisando.
Kalihunoe: Algo pequeno/ Kalihunoé Kalivôno.	Kaluhunoe: Algo pequeno/ Kaluhunoé Kalivôno.
Homoêhou: Homem na fase adolescente; jovem, moço.	Hêmeno: Homem na fase adolescente; jovem, moço.
Ihurimeo/Ar: Agitado, por qualquer meio (Vento).	Ihunovoti/ Ar: Agitado, por qualquer meio (Vento).

Nekokoti/ Fogo: É uma manifestação de combustão rápida com emissão de luz e calor.	Oro’eti/ Fogo: É uma manifestação de combustão rápida com emissão de luz e calor.
--	---

Fontes: Horto Belizário 82 anos, Aldeia Cachoeirinha, 2023.
Stephanie Belizário Dias 16 anos, Aldeia Cachoeirinha, 2023.

A coleta dos exemplos apresentados aqui, se deu a partir de conversas realizadas pessoalmente com ancião de 82 anos e uma jovem de 16 anos moradores da Aldeia Cachoeirinha (Mbókoti), que de forma segura, participaram brevemente a essa entrevista.

Pela faixa etária, observou-se que os anciões usam determinados itens lexicais em Terena, o conjunto de determinadas palavras usadas, enquanto na fala do mais jovens não usam mais algumas palavras e substituíram por outros termos, observamos essas variantes na língua Terena, ora aportuguesada.

Neste sentido, notamos a importância da manutenção da língua materna para preservação da identidade do povo Terena para que não ocorra o desaparecimento da Língua Materna, destacando a importância da participação da família com a nova geração, fazendo o uso da língua desde a infância como era antigamente, conseqüentemente o papel importantíssimo da escola na manutenção e preservação da língua Terena para que se possa fortalecer a escrita e a oralidade que tem papel fundamental na identidade de cada povo.

Ao fazermos observação, nas escolas que estão dentro das Terras Indígenas a carga horária ainda é menor do que se esperava, quando se trata da educação diferenciada, área muito amplo para se trabalhar a Educação Diferenciada no que tange a Lei.

“A Constituição de 1988, assegura às comunidades indígenas o uso de sua línguas maternas e processos próprio de aprendizagem (art.210), devendo o Estado proteger as manifestações das culturas indígenas.” (art.215); (Constituição Federal de 1988).

O povo Terena, entende que através da educação indígena, é possível manter suas tradições, onde são repassadas através de gerações, fortalecendo a identidade e preservando a cultura tradicional.

De acordo com Urquiza (2016, p.10):

Pela legislação brasileira as populações indígenas têm direito à escolas específicas, diferenciadas, intercultural e bilíngue (Constituição 88 – LDB 9394/96 – Parecer 14/99 – Resolução 03/99/CNE e Plano Nacional de Educação de 2001) conquistando juridicamente o reconhecimento da multietnicidade, pluralidade e diversidade não só enquanto uma diferença que se faz presente no contexto da “nação maior”, mas também como diferença que se constitui no interior de cada comunidade valorizando e sistematizando os seus conhecimentos tradicionais, a sua organização social, as suas formas de representação de mundo, traduzindo o meio contemporâneo. (Urquiza, 2016, p.10):

Seguindo essa linha de raciocínio, o movimento dos povos indígenas, no ponto de vista da legislação indigenista brasileira, a educação para os povos indígenas, é fruto dos movimentos indígenas, a conquista da educação diferenciada, intercultural e bilíngue de forma coletiva na elaboração das propostas pedagógicas.

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), 1996, garante uma educação bilíngue e intercultural, com objetivo de proporcionar aos índios, suas comunidades e povos a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e ciências. (art.215); (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96).

Através de seminários, fórum, reuniões com a comunidade escolar, militantes sem dúvida é uma conquista das lutas e reivindicações do movimento social de educadores indígenas e população em geral que envolve a comunidade indígenas.

Os conhecimentos e saberes tradicionais oriundo de seus ancestrais traz o fortalecimento da cultura indígena e a língua materna é primordial na afirmação da identidade. Assim, os povos indígenas devem ser respeitados na sua maneira de sobrevivência como garante no art. 231 da Constituição Federal de 1988. O não reconhecimento das diferenças leva o índio à desvalorização de sua cultura, negando a sua própria identidade (Hall, 2006, p.11).

A convivência com o não indígena fez com que os indígenas deixassem a sua própria cultura e aprender com o não indígena uma nova cultura desde ao período da invasão, até na atualidade.

Antes da invasão do Brasil no ano de 1500 haviam mais de 3 milhões de indígenas, isto é, falavam-se centenas de línguas nativas no território do nosso país.

Cabe aqui ressaltar que no decorrer do tempo perderam-se várias línguas nativas, sem menor preocupação com a diversidade linguística dos povos indígenas, causando uma preocupação até nos dias atuais, a herança deixada por portugueses. A pesquisadora

indígena da etnia Terena, Belizário Lucena, durante seu período de conclusão de curso desenvolveu um artigo no método de estudo de caso, registrando suas observâncias frente ao projeto desenvolvido numa escola pública, voltado a valorização da língua materna.

Pois a língua está em constantes mudanças com alterações, aquisições e perdas. Mas a acentuada diminuição de falantes da língua Terena que nos preocupa, pois assistimos a cada dia, menos pessoas usando sua língua materna em detrimento do uso do português. (BELIZÁRIO LUCENA, T, p. 11).

Em sua pesquisa, Belizário dá ênfase a valorização da língua materna devido outras pesquisas que vem registrando o apagamento da mesma.

Existiam em torno de 5 milhões de pessoas que viviam no local da invasão, a maioria dessa população estava no litoral. O mapa a seguir, mostra algumas das etnias existentes neste período da invasão. Inúmeras etnias extintas, as línguas nativas foram extintas neste período da colonização.

Figura X: Etnias Indígenas existentes no período da invasão



Fonte: história os povos indígenas antes da chegada dos portugueses.

Quando os europeus de fato tocaram em solo brasileiro, encontraram inúmeros nativos, tudo começou numa quarta-feira, dia 22 de abril de 1500, quando o almirante português Pedro Álvares Cabral chegou com sua esquadra à terra onde viviam os índios Tupiniquim. Na língua dos nativos, o lugar chamava-se Pindorama, Terra das Palmeiras, o denominado Brasil (o nosso país).

A chegada dos portugueses no fim da maior parte da costa habitada por povos indígenas o século XV, trouxe uma consequência enorme entre os povos indígenas, os nativos eram falantes de línguas pertencentes ao tronco Tupi e os primeiros nativos a terem o contato com os portugueses foram as etnias: Tupinambá, Tupiniquim, Guarani, e outras etnias.

O interesse maior dos portugueses era sobre o território e suas possíveis riquezas, o aprendizado da sua língua materna também, era muito importante para eles, para poder ter a comunicação com os povos. Os povos indígenas foram vítimas do imaginário ocidental, visão eurocêntrica dos portugueses, foram vistos como selvagens inocentes, povos tidos como sem cultura, pronto para serem civilizados.

Figura XI: A chegada dos portugueses no território brasileiro



Fonte: <https://www.sohistoria.com.br/ef2/descobrimento/p2.php>

Esse momento foi destacado nas cartas do escrivão português Vaz Caminha, responsável por descrever a chegada no Brasil, nesta carta demonstra uma visão

eurocêntrico desde o primeiro contato com os nativos, nesta carta Vaz de Caminha escreve e descreve a características dos povos nativos: A feição deles a serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. (Caminha apud Cortesão, 1943, p. 204)

Neste sentido, prova-se que antes da chegada dos portugueses já existiam os povos nativos no território brasileiro. De acordo com a carta de Caminha, estavam descritas as características dos indígenas nativos. Assim, através de várias pesquisas e artigos publicados referente as características descritas na Carta de Pero Vaz de Caminha, mostra a presença de indígenas no Brasil, antes da invasão pelos europeus no ano de 1500.

Ainda que não se tenha um conhecimento concreto quanto ao número de sociedades nativas que existiam no Brasil à época da chegada dos europeus, estimam-se em torno de 5 milhões de indivíduos.

O processo de colonização levou à extinção de muitas sociedades indígenas que viviam no território dominado, seja por meio das guerras, seja em consequência do contágio por doenças como gripe, sarampo e a varíola, que vitimaram, muitas vezes, a população indígenas inteiras, em razão dos nativos não terem imunidade alta a estes males, a imposição aos indígenas à nova maneira de viver trouxe uma consequência de perda entre os povos nativos.

Os nativos praticavam a pesca, a caça e a agricultura de coivara; também desfrutavam de recursos fluviais e marítimos. A base alimentar era o milho, farinha de mandioca, fruto do mar.

Diante desse fato tão marcante entre a população indígena, afetando o uso da língua materna desde o período colonial, ao analisarmos, nota-se que a perda linguística continua até hoje, como todas as línguas minoritárias, todas as línguas indígenas sofrem ameaças de extinção, é assim com os Terena, pois seus próprios falantes correm o risco de desaparecimento físico, toda vez que uma língua deixa de existir, a cultura de cada etnia indígena perde sua identidade, pois a língua é a alma de um povo.

Segundo a observação de Belizário Lucena:

Sabemos que toda língua está sujeita a variações, porém o fato de um indivíduo utilizar uma palavra diferente não significa que sua língua será prejudicada ou

esquecida, as alterações e esquecimentos ocorrem quando outros indivíduos agregam a seu vocabulário, tornando então parte de seu idioma, se tratando de um idioma diferente, pode acarreta na substituição e mesmo no desuso e no esquecimento. (BELIZÁRIO LUCENA, T, p. 25).

Analisando as observações da autora, conseqüentemente os Terena vem adotando desuso da língua materna, devido ao contato maior com a língua portuguesa, automaticamente vão ocorrendo o desuso da língua materna.

Atualmente vem se buscando praticar uma política de preservação das línguas nativas, incentivando a pesquisa linguística e o estudo entre os professores indígenas, fazendo com que a alfabetização seja na língua materna dos alunos, nas escolas indígenas é dessa forma conseguirão preservar a língua materna.

É importante ressaltar que atualmente nas escolas indígenas bilíngües utiliza-se a língua portuguesa como a primeira língua, como a segunda língua à língua materna, no intuito de preservar a língua materna, pois o traço mais marcante de um povo é a língua.

Verificamos o a pesquisadora da cultura Terena nos diz, pois traz uma reflexão que chama bastante atenção neste contexto da língua materna.

Segundo Ladeira

Os Terena são considerados, via de regra, como um dos grupos mais 'aculturados' do país. Na bibliografia e referências a respeito dos Terena é comum a citação que eles não são mais falantes da língua Terena. (Ladeira, 1999, p. 6).

Analisarmos que é muito preocupante a situação dos falantes dos povos Terena em todas as comunidades, como é o caso do povo Terena da Aldeia Cachoeirinha, verifica-se que todas as comunidades passam por esse processo de uso da língua portuguesa como a primeira língua. Esquecendo o uso da língua materna, processo este que leva a perda da sua identidade.

Assim, umas das maneiras para ajudar o fortalecimento e a preservação da língua Terena é fazer com que haja a valorização da língua materna primeiramente no convívio familiar e dentro do âmbito escolar. O ensino da língua e os costumes tradicionais indígenas favorece a permanência dos povos indígenas e garante a sobrevivência da identidade cultural para que futuramente não haja a extinção dos povos nativos.

Portanto, a existência da língua indígena, retrata a existência de um povo. Por isso, é necessário ser ensinadas aos jovens, adolescentes e crianças, sendo passadas de geração em geração como afirmação da sua identidade.

2.2 Variação, mudança e transformação da língua

Estima-se que, na época do descobrimento do Brasil havia cerca de 1.300 línguas indígenas. Hoje, restam aproximadamente 274 e 305 etnias, entre elas a língua Terena, do tronco Aruak, cada povo tem sua própria língua e maneiras de sobrevivências.

Figura XII: Mapa dos Povos Indígenas

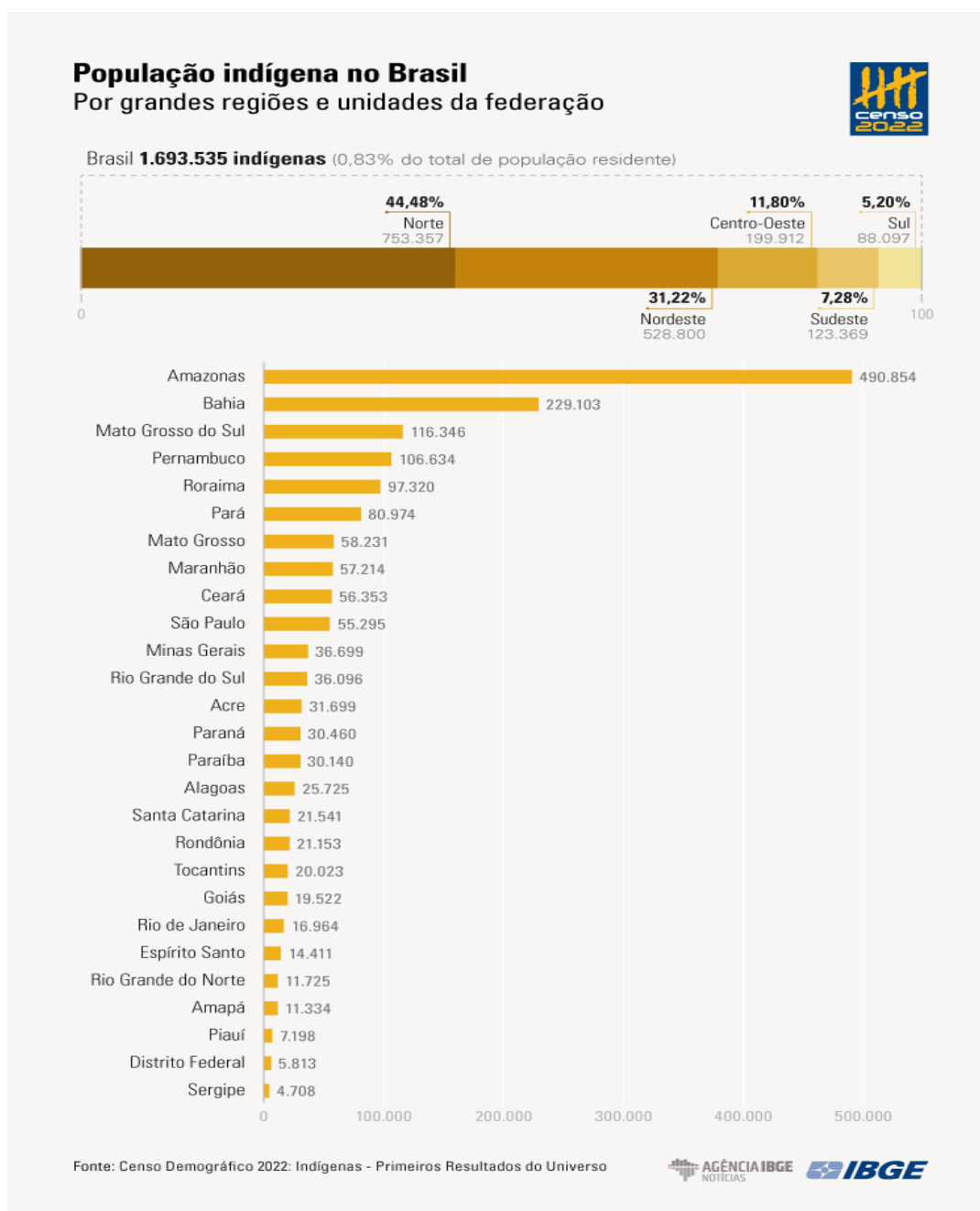


Fonte: Ayra Laura, Kuríporã / @kurumi.ere

Visto que, milhares foram perdidas por diversos motivos, entre os quais a morte dos indígenas, em decorrência de epidemias, extermínio, escravização, falta de condições para sobrevivência e aculturação forçada desde o período colonial até o tempo atual.

Segundo dados de IBGE (2022), o Centro Oeste classifica-se a terceira região do território brasileiro com maior número dos povos nativos, totalizando 116.346, incluindo todas as etnias existentes no Mato Grosso do Sul, representados por (08) etnias que são: Guarani, Kaiowá, Terena, Kadiwéu, Kinikinaw, Atikun, Ofaié e Guató. E o mais populoso aqui no MS é o povo Guarani, em seguida vem o povo Terena.

Figura XIII: População Indígena no Brasil



Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37565-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas-e-mais-da-metade-deles-vive-na-amazonia-legal>

O censo identificou 41.247 domicílios com pelo menos um morador indígena em Mato Grosso do Sul, representando 4,21% do total de domicílios ocupados do estado. Campo Grande destacou-se como o município com o maior número de domicílios com moradores indígenas em Mato Grosso do Sul, com 10.030 domicílios, representando 3,08% dos domicílios ocupados do município (Censo 2022).

As lideranças indígenas enfatizaram que a finalização dos dados pelo IBGE foi uma surpresa negativa para a população indígena, pois se acredita que o quantitativo da população seja muito maior do que foi registrado, no entanto, o resultado divulgado não foi o esperado pela população indígena.

Dentre os povos, o povo Terena localiza-se nos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Mato Grosso, que estão divididas em várias Terras Indígenas, conforme constatamos no quadro acima.

A língua oral Terena é falada em alguns locais mencionados e em algumas comunidades não se faz mais o uso dessa língua, fato este que chama atenção para que se possa verificar o qual motivo uma comunidade não venha a fazer o uso da sua língua materna e também fazer alguns apontamentos das variações linguísticas da gramática Terena como era antigamente chamado pelos anciões, por qual motivo a língua está enfraquecendo entre a comunidade.

Para Bourdieu, para que uma comunicação (língua) tenha condições de sucesso seria necessário que haja uma relação de poder, a qual autor chama de poder simbólico em sua pesquisa. Constata-se, portanto, que:

A língua legítima não tem o poder de garantir sua própria perpetuação no tempo nem o de definir sua extensão no espaço. Somente esta espécie de criação continuada que se opera em meio às lutas incessantes entre as diferentes autoridades envolvidas, no seio do campo de produção especializada, na concorrência pelo monopólio da imposição do modo de expressão legítima, pode assegurar a permanência da língua legítima e de seu valor, ou seja, do reconhecimento que lhe é conferido (Bourdieu, 1996 p. 45).

Todavia, por tratar de língua minoria o próprio falante acaba não optando por uso da sua própria língua materna. As palavras que não são mais usadas e que são desconhecidas entre a comunidade falantes dessa etnia, especificamente na região de Miranda-MS/Aldeia Cachoeirinha (Mbókoti), local onde foi feita essa pesquisa, para realizar o trabalho da pesquisa de campo, foram necessários uma investigação e muita indagação com um ancião, para efetuar as coletas de dados linguísticos, já que a pesquisa é de sociolinguística.

Foi necessário uma entrevista oral de conversas informais entre ancião e jovem para fazer o levantamento das variações linguísticas, assim foi feito os registros de falas durante a conversa com um ancião que tem domínio nas duas línguas, Língua Terena e Língua Portuguesa, constatamos também que ainda falta muitos estudos linguísticos para fazer os registros da língua materna dessa comunidade, fato este que fez a ter interesse de fazer a pesquisa sobre a língua Terena, a segunda mais populosa aqui no Estado de Mato do Grosso do Sul.

Atualmente nota-se que o uso da Língua Portuguesa no cotidiano das crianças Terena estão cada mais fortes, caso este, que vem preocupando os estudiosos linguísticos e a própria comunidade do povo Terena, o que significa uma perda irreparável entre a população Terena da Aldeia Cachoeirinha (Mbókoti).

Labov faz uma observação sobre as mudanças

Uma mudança pode começar primeiro num grupo social localizado em qualquer ponto da hierarquia social. Enquanto ela está se desenvolvendo e se expandindo, ainda se pode ver o padrão em pirâmide através de diversas faixas etárias, com os valores mais altos nos falantes mais jovens do grupo original. Mas quando a mudança atinge um estado avançado, e todas as classes sociais são afetadas, ela frequentemente se torna estigmatizada, e a correção social da fala formal começa a obscurecer o padrão original. (Labov, 1972, p.336).

Podemos observar isso claramente, que aos poucos a língua materna vem enfraquecendo e perdendo espaço dentro da comunidade, sem ao menos perceber essa parte tão rica quanto a língua tradicional, nas pesquisas de campo que foram feitos observa-se isso nitidamente, o processo do desaparecimento da língua tradicional entre os falantes desta comunidade da Aldeia Cachoeirinha (Mbókoti).

A língua portuguesa vem sendo usada cada vez mais forte entre os falantes mais jovens neste local da pesquisa e percebe-se também a presença do uso do empréstimo

linguístico da língua portuguesa entre os falantes Terena, observando que algumas palavras Terena sendo aportuguesada, visto que é nítido o risco do desaparecimento da língua materna entre os falantes deste local, assim ocorrem em várias comunidades da mesma etnia.

E o caso de língua Terena, é possível dizer que a variação linguística em língua Terena houve uma grande modificação aos longos dos tempos, essa língua está enfraquecendo, sendo esquecido pelos seus falantes, notando-se através da nova geração. Por isso esse grupo étnico necessita ser pesquisado e estudo. O extermínio na cultura indígena, o uso do português forçado desde o período da colonização, por meio da desvalorização das culturas indígenas, das línguas indígenas. Entretanto, Fiorin traz sua concepção ao tratar-se do preconceito linguístico que envolve a sociedade minoritária

Os preconceitos aparecem quando se considera uma especificidade como toda a realidade ou como um elemento a todos os outros. Neste caso, tudo o que é diferente é visto seja como inexistente, seja como inferior, feio, errado. A raiz do preconceito está na rejeição da alteridade ou da consideração das diferenças como patologia, erro, vício, etc. (Fiorin, 2002. p.23).

Pensando nestas realidades, atualmente existem línguas nativas faladas no nosso país é uma parte destes idiomas corre risco de extinção, jovens indígenas abandonando o uso da sua língua materna, adotando o uso da língua de prestígio. Deixando de lado a sua identidade que transmite herança cultural de um povo. A perda dessas línguas empobrece a realidade de um povo. É neste sentido, que faz necessário uma política em que a educação indígena fosse valorizada, para poder ser mais respeitado.

Conforme a Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 210"[...] é assegurada às comunidades indígenas [...] a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem". Dessa forma, é assegurado o direito aos indígenas de manter todas as suas tradições e sua língua por meio do ensino escolar e, portanto, se faz necessária a motivação, a luta pela valorização de nossas tradições e a revitalização da língua materna.

Estudos realizados por Rodrigues (2002), a partir de princípios e propriedades comuns, as línguas estão sujeitas a grande número de fatores de instabilidade e variação, que determinam nela forte tendência às constantes alterações, como é o caso da língua Terena com a língua portuguesa.

Essa tendência é normalmente contrabalançada pela necessidade de mútuo ajuste os indivíduos de uma mesma comunidade social, sem o qual não se cumpriria a finalidade básica da língua, que é a comunicação explícita e, quando possível fácil.

Conforme Rodrigues (2002), quando reduz contato entre as pessoas separadas entre as novas comunidades, diminuí a necessidade de ajuste e aumenta a diferenciação linguístico entre os grupos, é o que ocorre na aldeia Cachoeirinha, como o Aryon nos esclarece, por isso vai construindo novas falas e tornando diferentes cada vez mais no decorrer do tempo, língua portuguesa sufocando o uso da língua Terena cada vez mais.

De acordo com Labov (1994, apud Monteiro 2000), outro estudioso linguista, as pessoas que residem nas mesmas cidades e expostas ao meio de comunicação de massa podem ser desigualmente afetadas pelas mudanças linguísticas, de tal modo que, com o passar do tempo, a linguagem que usam se torna cada vez diferenciada.

Desta forma, os Terena que vivem nas cidades ou tem contato próximo com os falantes da língua portuguesa, como ocorre com a comunidade da aldeia Cachoeirinha (Mbokoti), Miranda-MS, já não falam mais antes falado nas aldeias, ou já esqueceram a língua materna em função de língua portuguesa. Esse fato deve ao contato externo, pois quanto maior contato com outra língua, maiores serão as mudanças e diversificação dessa comunidade, conforme foi citado acima pelo autor.

Neste contexto o contato cada vez maior com a língua portuguesa altera as palavras na língua Terena, para Labov, a linguagem reflete o local de origem, de moradia e de trabalho. A este propósito, se viajamos afora, notaremos que em certas regiões, percebemos diferenças linguísticas.

Para Labov o fato de alguém começar a usar novas palavras em uma comunidade, não necessariamente irá causar mudanças na língua existente. O que altera a língua é o fato de um indivíduo de notoriedade entre a comunidade de falante, influenciar esta mudança na língua, a língua local de antes vai sendo esquecida dando o lugar as variações, assim percebe-se entre os falantes da língua Terena, passa a usar este novo modelo, coloca como regra, assim esquecendo a língua tradicional e considerando somente este novo emprego da língua como correto, assim acontece entre o povo Terena. Labov (1972) faz uma observação, ao afirmar que as variedades das classes dominadas tende a se desestruturar, quando em contato com a variedade da classe dominante, gerando inúmeros sentimentos de culpabilidade ou de inferioridade linguística, que levam muitos falantes a se envergonharem de seus próprios dialetos.

De acordo com Camacho (1988), necessitamos estudar as variações o que as provoca para entendermos o processo evolutivo linguístico. O autor demonstra que a variação é um fenômeno regular, ele faz alerta que temos que dedicar total atenção ao conceito da variação. Para o linguista, as variantes não podem ter aparecido por acaso. Portanto, percebe-se isto entre a comunidade da Aldeia Cachoeirinha (Miranda-MS), quanto mais convivência tiver com os não falantes da língua tradicional, a língua sofrerá modificação cada vez mais.

Segundo estudos realizados por Bittencourt e Ladeira (2000), o modo de viver dos povos Terena mudou muito, muitos hábitos sofreram transformações. Principalmente a língua, com a convivência do não índio, afetou a variação linguística, no decorrer dos tempos percebe-se que o uso de empréstimo de língua portuguesa está cada vez mais presente nas falas dos habitantes desses povos, o que serve de alerta para a comunidade e para os pesquisadores linguistas. O convívio permanente dos índios com a sociedade faz com que eles acabem por perder sua língua original, passando a falar apenas o português.

2.3 Variação da Língua Terena e Influência da Língua Portuguesa

Conforme veremos, a mudança ocorre em função de pressões sociais que podem até mesmo ser observadas e descritas. A própria fala (a parole) dos indivíduos, se não tem o poder de influenciar os padrões sociais, pode ao contrário ser afetada por este. E o que explica Labov (1968).

Ao fazermos análise de mudança linguística na língua Terena devido a outros contatos com o não indígena ocorrem as mudanças linguísticas rapidamente nas palavras do povo Terena. Isso é evidente ao analisarmos as falas do falante Terena.

Segundo Camacho (1988) existem múltiplos fatores originando as variações, as quais recebem diferentes denominações.

Vejam os exemplos, segundo autor:

- **Dialetos** – variações faladas por comunidades geograficamente definidas. Idioma é um termo intermediário na distinção dialeto-linguagem e é usado para se referir ao sistema comunicativo estudado quando sua condição a iguala a linguagem.
- **Socioletos** – variações faladas por comunidades socialmente definidas. É a linguagem padrão estandardizada em função da comunicação pública e da educação.

- **Idioletos** – é uma variação particular, isto é, o vocabulário especializado e/ou a gramática de certas atividades ou profissões.
- **Etnoletos** – variação para um grupo étnico.
- **Ecoletos** – um idioleto adotado por uma casa.

Ao notarmos a observação linguística da Língua Terena é inegável as diferenças que existem dentro de uma mesma comunidade de fala, neste caso, o local onde foi feita a pesquisa de campo nas falas do povo Terena da Aldeia Cachoeirinha. Desta forma, é impossível não constatar as diferenças linguísticas neste local.

Pesquisa realizada por Camacho (1988) dentro de uma mesma área geográfica, define que os resultantes das diferenças sociológicas tais como educação do indivíduo, sua profissão, grupos com os quais convive, enfim, sua identidade. Tudo isso pode interferir e operar como modelador à fala de alguém. Dessa forma o autor esclarece em meio ao convívio social pode ocorrer essas mudanças, fato este o que de fato constatou na língua Terena ao fazermos a investigação em algumas falas conforme o que consta nas palavras elencadas.

Segundo as vivências das pesquisadoras no meio do povo Terena, analisam que vem fazendo mudança no decorrer do tempo, Bittencourt e Ladeira (2000, p. 107), esclarece que:

O modo de viver dos Terena mudou muito, os contatos com outros povos indígenas, com os portugueses e brasileiros, fizeram com que muitos dos hábitos fossem transformados. Tais mudanças podem ser vistas no trabalho e na relação com a terra e seus produtos, nas construções das casas, nas vestimentas, nos alimentos, entre outros hábitos.

Portanto, caça, pesca, lavoura, cerimônia tradicionais, principalmente a língua perdeu o seu contexto linguístico estrutural, podemos observar isto no meio do povo Terena das aldeias Campão, Babaçu, Mãe Terra, a língua materna está desaparecendo nessas comunidades.

O contato com outras sociedades não indígenas interferiu no uso de língua materna o que deveria ser preservado, foi se perdendo com o uso da segunda língua, isto é notório entre a comunidade da Aldeia Mbókoti (Aldeia Cachoeirinha), ao notarmos o uso da língua com a nova geração.

Precisamos observar o passado e analisar a sua significação no sentido de preservar a nossa cultura, principalmente a língua, como os mais velhos conseguiam preservar e repassar para a nova geração, algo que hoje não ocorre nesta comunidade.

2.4 Os Terena da Aldeia Cachoeirinha (Miranda MS), e as mudanças linguísticas

Para mostrar as variações que ocorrem na comunidade da Aldeia Cachoeirinha, foi realizada uma conversa informal entre um ancião e uma jovem neste local.

Para entender tais variações buscamos a definição de Labov (2008), a mudança linguística deve ser compreendida na vida social da comunidade em que ela se produz, visto que sobre a língua incidem pressões sociais, ou seja, a mudança linguística. Assim, notamos com os falantes da língua materna, as mudanças linguísticas ocorrem devido a presença da língua dominante, ora aportuguesa nas falas dos mais jovens.

Parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. (LABOV, 2008, p.19).

Houve a difusão e propagação da língua portuguesa entre os Terena logo após a Guerra do Paraguai. Os povos Terena, tiveram contato com os não indígenas e neste contexto a população Terena começa a usar tais variações no seu vocabulário.

A questão da língua nas nossas aldeias, não somente na Aldeia Cachoeirinha passara por várias mudanças, os jovens, adultos são poucos os que falam a língua materna e os anciãos ainda valorizam a língua Terena, e a minoria deles falam as duas línguas para se comunicarem, tanto em Terena quanto em língua portuguesa.

Notamos a diferença nas crianças e adolescentes, a maioria deles já não falam mais a língua Terena entre si e nem com os seus pais, e são pouquíssima crianças e jovens que aprendem com os pais no seu cotidiano, nota-se essa diferença na atualidade.

Os falantes observados foram duas pessoas, uma jovem estudante de 16 anos e um ancião de 82 anos, estes foram as ferramentas importantes dessa pesquisa, cujos são falantes da língua Terena.

O referencial teórico que norteia esta pesquisa, baseia-se nos estudos de grande fundador variacionista Labov, no entanto essa pesquisa buscou suporte na definição do autor para entender as variações de Língua Terena que envolve a comunidade falante da Aldeia Cachoeirinha.

Essas mudanças ocorrem diariamente e podem ser observadas nas nossas falas, contudo nas comunicações cotidianas. O principal agente do processo de metaplasmo é o falante, que modifica palavras cotidianamente a partir de muitas transformações fonéticas que acontecem por alguns procedimentos recorrentes e comuns a qualquer falante de qualquer língua, ou ainda, de qualquer dialeto dentro de uma língua (BOTELHO; LEITE, 2005).

Em nosso estudo, foi abordado algumas das formações atuais que nunca foram registradas em pesquisa acadêmicas, e fazem parte apenas no discurso oral do falante Terena.

Ao analisarmos as falas dos Terena, verificamos os metaplasmos presentes nas falas deles, verifica-se que podem ocorrer de quatro maneiras: por aumento; por supressão; por transposição e por transformação.

Neste caso iremos nos atentar sobre metaplasmo por transformação e daremos alguns exemplos na língua Terena, os metaplasmos são modificações que ocorrem na estrutura dos vocábulos por acréscimo, remoção ou deslocamento de fonemas nas palavras, assim também ocorre nas línguas nativas, como na língua Terena falada na Aldeia Cachoeirinha, ora acrescenta mais uma sílaba ou passa por supressão.

Vejamos alguns exemplos que evidenciam as alterações fonéticas nas palavras Terena:

Vejamos os exemplos:

Quadro V: Demonstração de metaplasmos da língua Terena na Aldeia Cachoeirinha.

Ahinoeti: Empregado	Ahínoe: Empregado
Apetí: Tem	Apé: Tem
Alunoe: Moça	Arunoe: Moça
Itunaevoti: Flor	Itunoevoti: Flor
Hainara: Sim	Hinara: Sim

Mekúke: Antigamente	Méku: Antigamente
Vayaú: Caramujo	Yava'ú: Caramujo
Útinoe: nós	Úti: Nós

Fonte: Elaborado pela autora

Estes são alguns metaplasmos presentes nos vocábulos da Língua Terena falada na Aldeia Cachoeirinha. Neste sentido, os metaplasmos são modificações identificadas nas estruturas das palavras que aparecem de forma natural pelo processo de uso cotidiano dos falantes do povo Terena, assim como qualquer língua, a movimentação e passagem dos tempos, o que os linguistas chamam de variação da língua.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Variação da língua Terena da aldeia Cachoeirinha e o empréstimo da língua portuguesa no vocabulário do povo Terena

A interação dos povos Terena com a sociedade não indígena iniciou-se a partir do século XVIII. E a partir daí muitas palavras sofreram alterações, outro fator importante marcante entre o povo Terena foi a guerra do Paraguai quando os indígenas Terena tiveram contato com os soldados do exército brasileiro, a partir desse momento houve essa difusão de língua do meio desse povo.

Diante dessa pesquisa, percebe-se que ocorre mais facilmente a inserção das palavras para a língua portuguesa. Segundo a explicação do grande Variacionista Labov:

Um indivíduo pode usar um desvio e fazê-lo por várias vezes, sem exercer com isso qualquer influência na língua. O início da mudança linguística só acontece quando outros falantes adotam o novo traço e o empregam convencionalmente para transmitir formas e significados. Embora a inovação possa começar em virtude da influência de uma pessoa importante, não é o ato de inovar que muda a língua, mas influir. Por conseguinte, a mudança e sua primeira difusão ocorrem ao mesmo tempo. (Labov, 1972, p.125).

Portanto, chegamos à conclusão de que o fato de alguém começar a usar novas palavras em sua comunidade irá causar mudanças na língua existente, a língua local de antes vai sendo esquecida dando o lugar as variações, isso se percebe entre os falantes da língua Terena.

Dessa forma o falante aparece com a modificação no sistema, o indivíduo vai alterando o seu modo de falar como passar dos anos. Diante da análise, a mudança acontece quando pessoas falantes desta língua passam a usar este novo modelo de fala, coloca como regra, assim esquecendo da língua tradicional.

Acerca das implicações encontradas na comunidade da Aldeia Cachoeirinha, registro os seguintes casos de variações lexicais utilizados no dia a dia pela geração mais jovem.

Diante deste contexto, apresentamos abaixo a análise de palavras aportuguesadas e as palavras “aterenadas”.

3.2 A Mistura de Línguas (Terena e Português)

Quadro VI: Palavras aportuguesada e palavras aterenadas.

Palavra em Português	Palavra Aportuguesada	Palavra Aterenada
Almoço: refeição ao meio dia em família ou sozinho	Aramusa: refeição ao meio dia em família ou sozinho	Nikokonoti: refeição ao meio dia em família ou sozinho
Comendo: ingerir algum alimento.	Aramunzakoti ingerir algum alimento	Nikoti: Ele (a) está comendo algum alimento.
Açúcar: substância industrializada doce, solúvel em líquido e extraída esp. da cana-de-açúcar e da beterraba.	Asuká: substância industrializada doce, solúvel em líquido e extraída esp. da cana-de-açúcar e da beterraba.	Itivetí: substância industrializada doce, solúvel em líquido e extraída esp. da cana-de-açúcar e da beterraba.

<p>Bola: qualquer coisa de formato mais ou menos esférico ou arredondado. "b. de papel"</p>	<p>Mbolá: qualquer coisa de formato mais ou menos esférico ou arredondado. "b. de papel"</p>	<p>Epo`e: qualquer coisa de formato mais ou menos esférico ou arredondado. "b. de papel"</p>
<p>Baixeiro: que ou aquilo que se coloca sob os arreios das cavalgaduras para proteger o lombo do animal (diz-se de manta).</p>	<p>Mbaxerú: que ou aquilo que se coloca sob os arreios das cavalgaduras para proteger o lombo do animal (diz-se de manta).</p>	<p>Vohi`ú kámo: que ou aquilo que se coloca sob os arreios das cavalgaduras para proteger o lombo do animal (diz-se de manta).</p>
<p>Besouro: designação comum a todos os insetos coleópteros, que perfazem mais de 350 mil spp. descritas; distribuem-se por uma infinidade de habitat e variam em tamanho de 1 mm até 15 cm de comprimento; cascudo.</p>	<p>Mbisorú: designação comum a todos os insetos coleópteros, que perfazem mais de 350 mil spp. descritas; distribuem-se por uma infinidade de habitat e variam em tamanho de 1 mm até 15 cm de comprimento; cascudo.</p>	<p>Kalí Hó`openo: designação comum a todos os insetos coleópteros, que perfazem mais de 350 mil spp. descritas; distribuem-se por uma infinidade de habitat e variam em tamanho de 1 mm até 15 cm de comprimento; cascudo.</p>
<p>Borracha: substância elástica e impermeável, resultante da coagulação do látex de vários vegetais, esp. de árvores dos gên. Hevea e Ficus, com</p>	<p>Mburaxá: substância elástica e impermeável, resultante da coagulação do látex de vários vegetais, esp. de árvores dos gên. Hevea e Ficus, com propriedades diversas e</p>	<p>Kitá`iti/ Píti substância elástica e impermeável, resultante da coagulação do látex de vários vegetais, esp. de</p>

propriedades diversas e inúmeros usos industriais, segundo os vários tipos de tratamento a que é submetida; caucho, goma-elástica.	inúmeros usos industriais, segundo os vários tipos de tratamento a que é submetida; caucho, goma-elástica.	árvores dos gên. Hevea e Ficus, com propriedades diversas e inúmeros usos industriais, segundo os vários tipos de tratamento a que é submetida; caucho, goma-elástica.
Bolo: culinária, iguaria feita à base de massa de farinha, ovos e outros ingredientes, cozida numa forma, geralmente de sabor doce e formato arredondado	Mbulú: culinária, iguaria feita à base de massa de farinha, ovos e outros ingredientes, cozida numa forma, geralmente de sabor doce e formato arredondado	Kalí Osso`iutí Itivetí: culinária, iguaria feita à base de massa de farinha, ovos e outros ingredientes, cozida numa forma, geralmente de sabor doce e formato arredondado.
Bolacha: Tipo de biscoito de forma peculiar, achatada.	Mbulaxá: Tipo de biscoito de forma peculiar, achatada.	Kaluhunoé nikokonotí purupuketí/ akoti itukovó hapapaketí: Tipo de biscoito de forma peculiar, achatada ou redonda.
Laranja: fruto da laranjeira.	Laranja: fruto da laranjeira.	Náranga: fruto da laranjeira.
Gelo: estado da água ou de qualquer outro líquido	Gelú: estado da água ou de qualquer outro líquido quando solidificado pela ação do frio.	Njêlu: estado da água ou de qualquer outro líquido quando

quando solidificado pela ação do frio. "o leite virou g."	"o leite virou g."	solidificado pela ação do frio. "o leite virou g."
Caderno: conjunto de quatro fólhos dobrados ao meio e colocados um dentro do outro, formando cada uma das unidades ou seções que são reunidas e presas entre si para a confecção de um livro ou volume.	Kadernú: conjunto de quatro fólhos dobrados ao meio e colocados um dentro do outro, formando cada uma das unidades ou seções que são reunidas e presas entre si para a confecção de um livro ou volume.	Koyuhopetí/ Yutoxokú Ūti: conjunto de quatro fólhos dobrados ao meio e colocados um dentro do outro, formando cada uma das unidades ou seções que são reunidas e presas entre si para a confecção de um livro ou volume.
Caneta: utensílio contendo tinta ou similar com que se pode escrever ou desenhar.	Kanetá: utensílio contendo tinta ou similar com que se pode escrever ou desenhar.	Yutoxopéti: utensílio contendo tinta ou similar com que se pode escrever ou desenhar.
Lápis: objeto, ger. cilíndrico, feito de matérias diversas, com que se risca ou desenha sobre qualquer superfície. "l. de cera"	Lapí: objeto, ger. cilíndrico, feito de matérias diversas, com que se risca ou desenha sobre qualquer superfície. "l. de cera"	Yutoxopéti: objeto, ger. cilíndrico, feito de matérias diversas, com que se risca ou desenha sobre qualquer superfície. "l. de cera"
Lixo: 1. qualquer material sem valor ou utilidade, ou detrito oriundo de trabalhos	Lixú: 1. qualquer material sem valor ou utilidade, ou detrito oriundo de trabalhos	Hokomorí: 1. qualquer material sem valor ou utilidade, ou

<p>domésticos, industriais etc. que se joga fora.</p> <p>2. tudo o que se retira de um lugar para deixá-lo limpo.</p>	<p>domésticos, industriais etc. que se joga fora.</p> <p>2. tudo o que se retira de um lugar para deixá-lo limpo.</p>	<p>detrimento oriundo de trabalhos domésticos, industriais etc. que se joga fora.</p> <p>2. tudo o que se retira de um lugar para deixá-lo limpo.</p>
<p>Tarumã: design. comum a várias árvores e arbustos do gên. Vitex, da fam. das labiadas, algumas com madeira de ótima qualidade; tarumazeiro.</p>	<p>Etaruma: design. comum a várias árvores e arbustos do gên. Vitex, da fam. das labiadas, algumas com madeira de ótima qualidade; tarumazeiro.</p>	<p>Há'í Tikotí Hahaketí: design. comum a várias árvores e arbustos do gên. Vitex, da fam. das labiadas, algumas com madeira de ótima qualidade; tarumazeiro.</p>
<p>Estudante: que ou o que frequenta regularmente curso (de ensino fundamental ou médio, universitário etc.) em alguma instituição ou qualquer outro curso livre, no qual se pode adquirir alguma habilidade e/ou conhecimento.</p> <p>"jovem e."</p>	<p>Estudantí: que ou o que frequenta regularmente curso (de ensino fundamental ou médio, universitário etc.) em alguma instituição ou qualquer outro curso livre, no qual se pode adquirir alguma habilidade e/ou conhecimento.</p> <p>"jovem e."</p>	<p>Ihikaxovotí: que ou o que frequenta regularmente curso (de ensino fundamental ou médio, universitário etc.) em alguma instituição ou qualquer outro curso livre, no qual se pode adquirir alguma habilidade e/ou conhecimento.</p> <p>"jovem e."</p>
<p>Geladeira: aparelho constituído por um móvel termicamente isolado, munido de um dispositivo</p>	<p>Ngeladera: aparelho constituído por um móvel termicamente isolado, munido de um dispositivo produtor de</p>	<p>Ikasakokutí: aparelho constituído por um móvel termicamente isolado, munido de um</p>

produtor de frio, que se destina a conservar, no seu compartimento principal, alimentos e outros itens em baixa temperatura, mas não congelados; refrigerador.	frio, que se destina a conservar, no seu compartimento principal, alimentos e outros itens em baixa temperatura, mas não congelados; refrigerador.	dispositivo produtor de frio, que se destina a conservar, no seu compartimento principal, alimentos e outros itens em baixa temperatura, mas não congelados; refrigerador.
Escola: estabelecimento público ou privado destinado a ensino coletivo.	Iskolá: estabelecimento público ou privado destinado a ensino coletivo.	Ihikaxovokutí: estabelecimento público ou privado destinado a ensino coletivo.
Escada: série de degraus, de materiais diversos, que conduz a lugares altos e baixos e por onde, andando, se pode subir ou descer.	Iskadá: série de degraus, de materiais diversos, que conduz a lugares altos e baixos e por onde, andando, se pode subir ou descer.	Alu`okokutí: série de degraus, de materiais diversos, que conduz a lugares altos e baixos e por onde, andando, se pode subir ou descer.
Botão: Peça que enfia nas casas da roupa. "botão", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha].	Mbutauna: Peça que enfia nas casas da roupa. "botão", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha].	Putauí: Peça que enfia nas casas da roupa. "botão", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha].

Fonte: BELIZÁRIO, I. (2018)

Para Labov (1972, p. 65), os falantes da aldeia Cachoeirinha Miranda, MS, vão adotando essa nova fala, segundo autor:

Ao afirmar que as variedades das classes dominadas tendem a se desestruturar, quando em contato com a variedade da classe dominante, gerando inúmeros sentimentos de culpabilidade ou de inferioridade linguística, que levam muitos falantes a se envergonharem de seus próprios dialetos. (Labov, 1972. p. 65)

Conforme foi exposto pelo autor, isto percebe-se entre essa comunidade falantes dessa aldeia vão adotando uma nova fala fugindo da língua materna. Percebemos que na atualidade, ocorre mais facilmente a substituição das palavras para a língua portuguesa, por se tratar da língua dominante entre os mais jovens, os próprios falantes envergonham-se de não falar a língua portuguesa, assim acabam desvalorizando o seu idioma, assim vai ocorrendo o processo de extinção sem que eles percebam, adotando a nova linguagem.

Portanto percebe-se que a língua portuguesa está “sufocando” o uso de língua materna entre os povos indígenas falantes da língua Terena. Para os pesquisadores, isto reflete um alerta para a população falante, ao analisarmos o discurso de falante Terena deparamos com uma mistura de discurso, isto é, mudanças linguísticas.

O ensino de língua mãe é muito importante na aprendizagem dos alunos indígenas, isso fortalece valores étnicos e culturais. A língua materna é um instrumento, um pedaço da nossa alma e é o que mantém a história do povo Terena. Quando a língua é falada por uma comunidade torna a cultura mais viva, para que isto ocorra a escola indígena e os professores indígenas tem um papel fundamental para ser protagonista. O autor Pereira nos afirma que:

[...] os professores indígenas terão que se formar como guardiões dos dois conhecimentos (tradicional e da sociedade majoritária) e saber usá-los no espaço da escola. Ser professor é ocupar um espaço muito importante na comunidade, mas, para que seja eficiente, é necessária a formação específica e contínua, para entender e saber conviver no contexto atual, valorizando e respeitando os mais velhos e, também, para poder visualizar um novo caminho de educação para as novas gerações por meio da escola. (Lescano, 2016, p. 94)

No entanto é importante o papel da escola, cabe ao professor, portanto trabalhar a questão da preservação tanto a escrita através de algum projeto para a manutenção da língua quanto o uso dessa língua entre os alunos e também formação específica e contínua é de suma importância para os docentes indígenas, para terem a formação qualificada tanto na área específica quanto no ensino regular.

A constituição de 1988, no seu artigo 210, assegura às comunidades indígenas o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, devendo o Estado proteger as manifestações das culturas indígenas. (Constituição Federal 1988).

Com base neste contexto, a legislação garante os direitos do povo indígena a uma educação diferenciada capaz de fortalecer a afirmação étnica e cultural com o intuito de preservar. Portanto, é importante implantar o ensino de língua materna como qualquer outra disciplina no âmbito escolar de todas as aldeias, como também nas aldeias urbanas. Porém é necessário para o desenvolvimento cognitivo da criança na sua aprendizagem. Faz parte da identidade, o não reconhecimento das diferenças étnicas leva o nativo a desvalorização de sua cultura, negando a sua identidade.

Sendo assim, a manutenção da língua é fundamental para a preservação da identidade do povo Terena e o papel da educação indígena é reafirmar as identidades étnicas, valorizando suas línguas e ciências garantindo as suas comunidades o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade.

3.3 Variação da língua Terena entre aldeia Cachoeirinha (Miranda MS) e aldeia de Taunay (Aquidauana MS), mesmo povo com variações diferentes.

Vejamos alguns exemplos nesta tabela abaixo:

Onde moram duas etnias Terena Aldeia Cachoeirinha (Mbókoti) e Terra Indígena Taunay-Ipegue, notamos variação em algumas falas.

Quadro VII: Variação língua Terena Aldeias Cachoeirinha e Taunay

Aldeia Cachoeirinha (Mbókoti)	Aldeia de Taunay (Ipegue)
Ápene: chega	Ápene: par de alguma coisa (meia, brinco)
Ahinoeti: empregado (a)	Ahínoe: empregado (a)
Hainara: Exato	Hinara: Exato
Itíve: doce	Itíveti: Doce

Apê: vai ter, vai acontecer	Apetí: vai ter, vai acontecer
Itunaevoti: flor, enfeites, colares, ornamentos	Itunoevoti: flor, enfeites, colares, ornamentos
Pahúkovo: ser pego em enrascada	Âipaheo: ser pego em enrascada

Fonte: BELIZÁRIO, I. (2018)

De acordo com a visão do linguista Labov sobre a variação linguística nesse contexto, é importante ressaltar que em fala são encontradas as variantes a partir de uma palavra ou de um conceito. Sendo assim, o autor afirma que

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação.

Portanto, observamos essas variantes na língua Terena, todavia pertence a mesma etnia, mas falam variante dessa língua, assim acontece na língua portuguesa, na língua indígena também isso ocorre, mas destacamos que anteriormente ocorriam essas variações na língua Terena com os anciãos adotando uma nova língua na Terena tradicional o que eles denominam “**Gramática Terena**”. Visto que, hoje a geração nova utilizam muitos os empréstimos da língua portuguesa no seu discurso do dia a dia.

Pode ocorrer tais variação em todos os níveis da fala, incluindo as línguas nativas, vejamos como o Faraco nos explica:

“qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática. A classificação geral das mudanças é feita utilizando-se os diferentes níveis comuns no trabalho de análise linguística. Assim, na história de uma língua, pode haver mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, pragmáticas.” (Faraco, 2005, p.34-35)

O autor traz uma abordagem relevante, com isso, traremos algumas classificações dessas variações sendo nomeadas de:

- **Variação morfológica:** alteração na grafia (forma de escrever) da palavra.
- **Variação fonético-fonológica:** diferentes pronúncias para uma letra. Aqui no Brasil, um exemplo comum são as diferentes pronúncias da letra R.
- **Variação semântica:** quando uma mesma palavra pode ser empregada com significados diferentes.
- **Variação sintática:** refere-se à organização dos elementos, mantendo o mesmo sentido da oração.
- **Variação estilístico-pragmática:** variam conforme situações de interação social, sendo caracterizadas por maior ou menor grau de formalidade.
- **Variação lexical:** palavras escritas de maneira diferente, mas que possuem o mesmo significado.

A pesquisa de Bortoni-Ricardo (2004), busca uma observação de cada um desses fatores também, compreendendo que não existe apenas um modo de falar; observamos essa investigação através da fala do povo Terena:

Grupos Etários: Os avós falam diferente dos filhos e dos netos etc. O mesmo ocorre na sociedade como um todo.

Gênero: As mulheres costumam usar mais diminutivo.

Grau de Escolarização: Os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também tem influência em seu repertório sociolinguístico.

Segundo autora, esses fatores representam os atributos de um falante, isto é, fazem parte da própria individualidade do falante, no entanto, Bortoni-Ricardo faz uma observação quanto a questão à expressão “bem formadas”. Todas as sentenças produzidas pelos falantes de uma língua são bem formadas, independentemente de serem próprias da chamada língua-padrão ou de outras variedades, fazemos observação no quadro acima, nas falas de uma comunidade dos locais diferentes, mas a mesma etnia, de fato, ocorre as variações lexicais entre a comunidade Terena.

3.4 Alfabetização da língua Materna nas Séries Iniciais Através do “Alfabetiza MS Indígena”

Trata-se de uma iniciativa que acreditamos que será uma ferramenta muito relevante na manutenção da Língua Terena, pois trará um fortalecimento muito importante na escrita e oralidade no uso da língua materna dentro do âmbito escolar e junto com a comunidade, visto que a língua Terena está passando por processo de enfraquecimento.

A Fundação de Apoio e Desenvolvimento à Educação Básica de Mato Grosso do Sul (FADEB-MS) promoveu um evento que ocorreu no dia 18 de maio de 2023, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), o “Seminário de Integração Alfabetiza MS Indígena”, onde houve encontros de várias lideranças indígenas, professores indígenas que atuam em várias áreas, prefeitos(as), secretários(as) municipais de educação, diretores(as), inúmeros pesquisadores indígenas do outro Estado também marcaram presença através da via comunicação virtual e não indígenas desta área estiveram presentes neste Seminário.

O evento inaugurou um projeto inovador de produção de material didático para alfabetização de estudantes indígenas na língua materna. Durante anos, houve inúmeras reivindicações dos professores indígenas e militantes indígenas.

Entre os Terena acredita-se que a língua Terena por meio desse projeto haverá o fortalecimento da língua materna e trará a solução para a preservação da língua materna entre a comunidade do povo Terena. A escola tem um papel muito importante na manutenção da língua nativa não somente a língua Terena, mas qualquer outra língua materna nas Terras Indígenas.

No entanto houve um avanço nestes movimentos ocorridos anteriormente, é um resultado de uma luta coletiva até surgir essa primeira experiência dentro das escolas Indígenas juntamente com a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED-MS).

Iniciou-se, portanto, um projeto pioneiro para trabalhar a manutenção da escrita da língua materna dentro das escolas indígenas do MS, inclusive a Língua Terena. Como falante, educadora e pesquisadora desta Etnia, acredito que trará um resultado positivo no âmbito Escolar Indígena, desde a alfabetização das crianças indígenas aprenderá escrever no seu idioma, sucessivamente terá o seu domínio tanto verbal quanto a escrita. O Estado

de Mato Grosso do Sul tem a terceira maior população indígena do país (IBGE 2022), localizada em mais de 29 municípios, que englobam cerca de 46 escolas indígenas com, aproximadamente, 11.860 estudantes atendidos (as), dados obtidos através da Secretaria de Estado de Turismo, Esporte, Cultura e Cidadania (SETESCC).

Isto já se considera um avanço com os povos nativos do MS, como também traz a valorização da identidade étnica sendo muito importante para as comunidades falantes de cada etnia. Sendo assim, as situações das comunicações dos falantes das línguas nativas destes locais, inclusive Língua Terena irá se fortalecer através dessa manutenção.

A importância da manutenção da língua é a valorização da cultura é de suma importância para o povo nativo. Quando um povo indígena perde sua língua, ela perde uma parte da sua cultura.

Todavia não perdemos a esperança, esse projeto que recém iniciou trouxe uma esperança de revitalizar a língua materna entre a população envolvida, acredita-se que trará a concepção de valorização identitária entre as comunidades envolvidas. O processo de alfabetização das crianças indígenas de séries iniciais será ministrado por professores que tem domínio da sua língua materna.

O intuito do Programa é focar na tradução de quatro línguas de povos originários do Estado esses materiais serão usados para ministrar as aulas de línguas nativas dentro de cada território. Um dos requisitos é que os professores atuantes neste Projeto tenham domínio verbal e a escrita na sua língua materna, pois para ser um bom tradutor, é imprescindível ter domínio do seu idioma nativo.

O início do Projeto Alfabetiza MS Indígena trabalhará com quatro etnias, sendo: Guarani, Kaiowá, Terena e Kadiwéu, mas no total são sete línguas originárias em MS, sendo três estão quase extintas do território sul-mato-grossense que são: Guató, Kinikinau, Ofaié, possivelmente há possibilidade de algum projeto voltado para a questão de resgate da língua materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se mostrar neste trabalho na língua Terena como foco principal sobre a variação linguística, então foi abordado como ocorre essa variação no meio do povo Terena. Através desse trabalho, percebemos que a língua portuguesa está cada vez mais falada constantemente pela população indígena existente na região de Miranda-MS Aldeia Cachoeirinha.

Após a investigação sobre a variação linguística da língua Terena, obteve-se como resultado um enorme descaso com esta língua Terena, motivado pela interferência da língua de prestígio, o que está causando perda da língua materna. Diante da pesquisa propõe-se que sejam desenvolvidas ações que promovam tanto o aprendizado da língua Terena, quanto a cultura e tradições do povo Terena, motivando os jovens e crianças na preservação dessa identidade neste campo do universo da identidade linguística, assim irá mantendo vivas nas novas gerações as raízes e a origem de sua herança cultural.

Diante dessa pesquisa, conclui-se que nesta aldeia a língua Terena a língua materna e língua Terena, por mais que haja o uso da língua portuguesa. Para manter a língua é necessário preservar através do ensino nas escolas, nas comunidades e dentro do contexto familiar para que não haja esquecimento e até a extinção da língua Terena. no futuro. A Constituição Federal Brasileira do Artigo 210 garante que: “O ensino fundamental regular será ministrada em língua portuguesa, asseguradas as comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processo de aprendizagem” (Constituição Federal 1988).

Ao término desta pesquisa, gerou-se uma grande preocupação em relação a um número significativo de palavras em Terena sendo falada na forma aportuguesada na Aldeia Cachoeirinha, aldeia onde foi realizado esta pesquisa, notando-se a perda original das palavras de Língua Terena, foi possível observar que os jovens indígenas utilizam algumas variações da Língua Terena com mais frequência, muitas vezes fazendo o empréstimo da língua portuguesa, diferente na fala dos anciões desta aldeia.

Enquanto educadora e pesquisadora indígena é um desafio abordar esse tema pois exige aprofundamento de discussões teóricas no meio dos educadores indígenas da etnia Terena, precisamos trazer sobre a reflexão da importância de manter o uso da língua materna entre os falantes. Devemos preservar a nossa língua, pois a língua é a alma de

um povo, é característica marcante de um povo. A convivência com os falantes da língua dominante não nos limita manter o uso da nossa língua tradicional.

Uma das formas para a revitalização da língua materna é o ensino contínuo nas escolas indígenas e através dos projetos nas comunidades da etnia Terena, produção de materiais didáticos com histórias e mitologias escrito na língua Terena.

Como afirma o Antunes (2003, p. 11), é nas questões de produção e compreensão de textos, e de suas funções sociais, que se deve centrar estudo relevante e produtivo da língua. Ou melhor, *é o estudo da língua – que apenas se dá em textos – que deve ser o objeto – digo bem, o objeto – de estudo da língua*).

Ainda, desenvolver cartilhas com palavras totalmente em Terena sem o uso de palavras de forma aportuguesada. Ressaltando que a língua materna faz parte de uma das identidades indígenas e jamais deverão ser apagadas ou extintas devido ao uso da língua portuguesa.

Diante dessa análise, sugere-se então, que seja estabelecida pelo povo Terena e comunidade escolar um meio de preservação através das confecções de livros didáticos e cuidado com a língua ao repassar para nova geração. Assim, acredita-se a preservação linguística e cultural que envolve a comunidade da aldeia Cachoeirinha Mbókoti.

Percebe-se nesta investigação, ocorreu no dia 18/05/2023 um evento no auditório da Universidade Estadual de Mato do Sul (UEMS), onde houve um lançamento de um programa denominado “Alfabetiza MS Indígena”, o programa irá alfabetizar alunos de Mato Grosso do Sul desde anos iniciais na língua materna.

Durante anos, houve inúmeras reivindicações feitas pelos professores, militantes das causas indígenas cobrando o que tange a Lei quando se trata da língua materna. A partir dessas reivindicações, deveres e obrigações do Estado com a população indígena, passaram a ser supervisionadas e ora consultadas para que as necessidades vivenciadas pela população nativa fossem atendidas, principalmente quando referenciada a Educação Escolar Indígena.

O programa “Alfabetiza MS Indígena” produzirá materiais didáticos para quatro línguas de povos originários do nosso Estado. A educação visa alfabetizar na idade certa, ou seja, no primeiro e no segundo ano, o projeto é o primeiro do país. E lembrando que o MS é o terceiro Estado com maior população indígena.

Sobre as duas línguas que estão em processo de extinção, haverá um trabalho de revitalização com a população, situação essa que chama muita atenção quando se trata do uso de língua Terena.

Uma vez que a comunidade indígena perde sua língua, ela perde uma parte da sua cultura, uma parte da sua identidade. Mas acreditamos, que trabalho dentro da Secretaria de Educação, dentro do âmbito da educação indígena terá um avanço positivo, é de suma importância este projeto pioneiro em MS. De 1,3 mil povos que existia, só existem 266 povos. São estimadas 70 línguas falantes e outras já não falam mais, isso nos retrata a perda da cultura.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irlandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003. Aruaques. Disponível em: <https://dicionario.sensagent.com/Aruaques/pt-pt/>. Acesso em: 15 de out.2023.
- Aldeia Cachoeirinha. Disponível em; <https://www.facebook.com/profile.php?id=100069231657230&mibextid=b06tZ0>. Acessado em 18 de set.2023.
- BELIZÁRIO, Inézia Transformação Linguística na Língua Terena: Aldeia Cachoeirinha Miranda/MS – Campo Grande, MS: UEMS, 2018. 90p. ; 30cm. No prelo.
- BELIZÁRIO, Inézia. Revista Ave Palavra. *A variação linguística na aldeia Cachoeirinha-Miranda/MS*. Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/20/Arquivos/BELIZARIO.pdf>. Acessado em: 20 de outubro de 2023.
- BITTENCOURT, Circe M.; LADEIRA, Maria E. *A história do povo Terena*. Brasília: MEC, 2000.
- BOTELHO, J. M.; LEITE, I. L. Metaplasmo contemporâneo – um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. Anais do II Congresso de Letras da UERJ. São Gonçalo: departamento de Letras. v. único, ano 2, nº 01, 2005. Disponível em: www.filologia.org.br/cluerj-sg. Acesso em: 01 de fev. 2024.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BOURDIEU, P. *A Economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Editora da USP, 1996.
- BUTLER, Nancy Evelyn; EKDAHL, Elizabeth. Muriel. *Aprenda Terena*. v. I, v. II Brasília: SIL, 1979.
- BRASIL. Constituição Brasileira. Brasília, 1988. INFOPÉDIA. Dicionário. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>. Acessado em 19 de outubro de 2023.
- Constituição. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>
- Acesso em: 10 abril. 2023.
- CAMACHO, R. A variação lingüística. In: Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988.
- CAMACHO, Roberto Gomes, *Norma culta e variedades linguística*. São José do Rio Preto: Unesp, 1994.
- CORTESÃO, Jaime. Carta de Pero Vaz de Caminha. In: _____.Obras Completas de Jaime Cortesão. Lisboa: Imprensa Nacional, 1943.
- CRUZ, Dalmir Jorge da & CUSTÓDIO, Regiane Cristina. A luta do povo Terena de Mato Grosso pela conquista da terra: a história de um povo como conteúdo escolar. In Revista de Comunicação Científica–RCC, Maio/Agosto, Vol.1, n. 8, pgs. 93-104, 2021. ISSN 2525-670X. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>. Acesso em 13 Abril.2023.

Etnias. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=as+etnias+do+ms&oq=as+etnias+do+ms&aqs=chrome..69i57j33i160.5376j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acessado em 06 Set.2023>

Índigenas Brasileiro. Disponível em: <https://indigenasbrasileiros.blogspot.com/2019/06/terena.html>> Acessado em 12/09/2023.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

Figura de Linguagem. Disponível em: <https://www.figuradelinguagem.com/gramatica/variacao-linguistica/>> Acessado em 07/09/2023.

FIORIN, José Luiz. Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito linguístico. In: SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (Orgs). **O direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. Florianópolis: Insular, 2002.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

História – Os povos indígenas antes da chegada dos portugueses. Disponível em: <https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/eaja/historia-os-povos-indigenas-antes-da-chegada-dos-portugueses/>>. Acesso em 20 Jan.2023.

JUSBRASIL. *Consultas*. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10649501/artigo-210-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acessado em 10 Fev. 2023.

LABOV, William Padrões sociolinguísticos. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LADEIRA, Maria Elisa. *O uso da Língua Terena Segundo uma Análise Macro Sociolinguística*. ANPOCS; 1999.

LADEIRA, Maria Elisa. *Língua e história: análise sociolinguística de um grupo Terena*. São Paulo: São Paulo, 2001.

Laura, Ayra; Kuríporã. Mapa dos Povos Indígenas do Brasil. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C566eBgrsZk/?igsh=MWFxdTI2OXhodDNlcg==>. Acesso em: 18 de abril de 2024.

LESCANO, C. P. Tavyterã Reko Rokyta: os pilares da educação Guarani Kaiowá nos processos próprios de ensino e aprendizagem. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.

BELIZÁRIO LUCENA, T. *Projeto Arte, Cultura e Língua Terena: Diversos Olhares*. Campo Grande, MS: UEMS, 2021.

Mapa de localização da Aldeia Cachoeirinha Miranda-MS. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-da-Aldeia-Cachoeirinha-Miranda-MS_fig1_333300343>. Acesso em 13 Abr.2023.

Miranda Pantanal Sul. Disponível em: <https://www.facebook.com/mirandampantanal sul/photos/a.703766426408852/2658937400891735/>> Acessado em 18 Set.2023

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petropolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, M. A. M. Práticas vivenciadas na constituição de um curso de licenciatura indígena em matemática para as comunidades indígenas Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul. 2009. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - UFMS, Campo Grande, 2009.

Povos Indígenas no Brasil. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena>>. Acessado em 20 Fev. 2023.

PRIBERAM. *Dicionário*. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org>> Acessado em 15 Out.2018.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Linguas indígenas: Para conhecimento das línguas indígenas/ Aryon Dall'igna*- São Paulo; Edições Loyola, 2002.

SIASI – SISTEMA DE INFORMAÇÃO DA ATENÇÃO À SAÚDE INDÍGENA; SESAI SECRETARIA ESPECIAL DE SAÚDE INDÍGENA DE MATO GROSSO DO SUL.

Demográfico Quantitativo Geral. Aldeia Cachoeirinha: SIASI / SESAI: 2022.

Só História. Disponível em: <<https://www.sohistoria.com.br/ef2/descobrimento/p2.php>> Acessado em 05 Set.2023.

Sociolinguística_UFSC: Disponível em: <https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf> Acessado em 07/09/2023

Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

Revista Philologus. Disponível em: <<https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1343>> Acessado em: 30/03/2023.

URQUIZA, Antônio Hilário e NASCIMENTO, Adir Casaro. Antropologia e História dos Povos Indígenas - 7º módulo - Educação Escolar Indígena (Marco Conceitual e Gestão). UFMS/2016.

ANEXO I

UNIVERSIDADE L DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE - MS

Nome: _____

Idade: _____

Etnia: _____

Sexo: M () F ()

1 – Aplicação do questionário de variação linguísticas na aldeia Cachoeirinha.

Qual língua você fala no dia a dia?

() Terena. () Português.

Por quê? _____

Qual língua você acha que é mais fácil para uma pessoa aprender e falar?

() Terena. () Português.

Por quê? _____

Qual língua que você mais gosta de falar?

() Terena. () Português.

Por quê? _____

Ass: _____

Local: _____ Data: ___/___/2023

ANEXO II

Aplicação do questionário de variação linguística na Aldeia Cachoeirinha entre uma jovem e um ancião.

Os dois voluntários que responderam à pesquisa, sobre variação da língua Terena justifica sobre a sua resposta o porquê os jovens preferem usar língua portuguesa no seu cotidiano.

São perguntas simples que trazem dados muito importante com a nossa pesquisa dentro da comunidade pesquisada (Aldeia Cachoeirinha Mbókoti).

Qual língua você fala no dia a dia?

Terena. Mas falo português também com os patrícios que não falam mais a nossa língua materna.

Por que você fala Língua Terena?

“Porque eu gosto de falar é nossa língua materna. ”

Você tem orgulho de falar?

“ Tenho orgulho de ser falante da nossa língua tradicional”

Desde quando você fala língua Terena?

“Fui ensinada desde criança. ”

Qual é a importância para você?

“ Faz parte da minha identidade”

Você conhece alguém da comunidade da Aldeia Cachoeirinha que não usa mais a língua materna?

“Tem muitos jovens que não falam mais a língua Terena.”

Mas na sua opinião, porque eles não usam mais?

“Porque as famílias que falam Terena hoje em dia, não gosta de ensinar e repassar para a nova geração, preferem usar língua portuguesa”.

Qual língua que você mais gosta de falar, língua Terena ou língua portuguesa?

“Língua Terena, toda vez que nós expressamos na nossa língua materna, estamos afirmando a nossa identidade”.

Porquê?

“Minha identidade, toda minha família é falante, procuramos manter, pois é muito importante”

Como você aprendeu?

“Desde criança meus pais, avós ensinaram não deixar de falar a nossa língua materna, temos que repassar para a futura geração, para não ser extinto futuramente como ocorreram com outros povos indígenas. ”

Você fala língua portuguesa?

“Sim, fui ensinada a falar o português desde criança, sou bilíngue.”

Ass: _____

Local: _____ Data: ___/___/2023

ANEXO III

Qual língua você fala do seu dia a dia?

“Falo língua Terena, acho muito importante não apagar a nossa língua.”

Poderia dizer o por que a geração nova não adota o uso da língua materna?

“Eles não adotam porque eles não acham importante, e acabam adotando a segunda língua que é a língua portuguesa. ”

Na sua opinião de que forma preservaria o uso de língua materna?

“Acredito que preservariamos fazendo o seu uso desde a infância como fazíamos antigamente e a escola também colaborando trabalhando a questão da língua materna na sala de aula. ”

Qual a língua que você gosta de usar e porquê?

“Faço uso de língua materna no meu dia a dia, pois é minha língua que eu uso para me comunicar com a minha família. A língua Terena é muito importante, porquê se não fazermos o uso daqui a alguns anos poderá estar em extinção. Nós podemos perceber a diminuição do seu uso com os jovens, isso é muito preocupante para a nossa etnia. ”

Então você nota a diminuição dos falantes?

“Sim! Isso é nítido na nossa comunidade, mas a família é culpada por não fazer o seu uso no cotidiano do seu filho e a escola também tem uma parcela de culpa, uma vez ao adentrar no âmbito escolar o uso de língua portuguesa e extremamente obrigatório, a nossa língua materna não tem tanta prioridade dentro da sala de aula. Tem aula de língua

Terena nas escolas indígenas, mas falta ainda avançar para ter bons resultados a carga horária e pouquíssimo. ”

Você sabe escrever na língua Terena?

“Sei bem pouco, a escrita é muito diferente da nossa fala. Tem muitas regras, o nosso alfabeto é diferente, os sons, a gramática Terena é muito complicada. Talvez por eu não ter tido aula no passado, a nossa língua era bem mais desvalorizada, hoje tivemos um avanço, pouco mas temos. Muitos pesquisadores estão trabalhando a escrita da nossa língua, então eu acredito que os jovens atuais terão mais acesso sobre a questão do domínio na escrita.

Portanto, é satisfatório quando recebemos um pesquisador (a) como você, pois através da escrita, pesquisa que conseguiremos registrar e expandir a escrita Terena, isso é muito bom para a nossa etnia. ”

Ass: _____

Local: _____ Data: ___/___/2023